



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VIII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preco d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE JANEIRO DE 1870.

N. 596.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, ponderando-lhe que visto, ser considerado perigoso a conservação de doentes de mal dos lazarus no centro da população, sirva-se S. S. de empregar os meios que lhe faculta a lei, para que seja conduzido ao respectivo hospital um individuo em completo estado de elephantiasis, morador á rua do Bispo, n.º 4.

Semelhante medida exige urgencia, pela circumstancia de querer esse individuo, segundo nos informiam, transmittir a seus filhos o mal que soffre, dando-lhes a comida mastigada da bocca e outras cousas, dizendo que, tendo elle de morrer daquelle mal, quer que os seus tambem padeçam delle.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, chamando sua attenção para o desprezivel estado em que vive uma infeliz menina, orphan, de nome Joanna, parda, de oito annos de idade, a qual, em poder de um Sr. Jacintho, morador á ladeira de S. Bento, tem a sorte da mais desgraçada escrava: vive suja, maltratada, espancada, e anda pelas ruas em compras e mandados. Além dos maus tratos que passa, andando por quitandas e açougues, em breve estará prostituida, si S. S., como

magistrado recto, não a fizer recolher a um estabelecimento ou a uma casa de familia, que lhe dê melhor tratamento.

—Este anno está me parecendo que não teremos vapores pelas festas do Bomfim.

—Quem lhe contou?

Tão tolla não é a companhia para deixar passar tão gorda vasa.

—Mas eu não lhe vejo geito. A companhia está inhabilitada.

—Lhe parece assim?

—A ponte está deterioradissima; as madeiras podres; ha grandes buracos provenientes da lenha que dalli se tira para o fogo.

E' um risco expor o povo em tal armadilha.

—Talvez mandem reparal-a.

—Não ha mais tempo.

E da forma em que está pode haver uma catastrophe.

—Quem tiver receio não se embarque.

—Motivo para a companhia' de Vehiculos carregar a mão e pôr o preco das passagens pela hora da morte.

—Capitão?

—Diga o que sente.

—A cousa é de sentir-se.

—Pois falle.

—Falla-se que o fardamento do corpo policial para o anno de 69 vai ser encommendado na Europa?

—Não lhe sei responder.

—Desgraçada terra, capitão!

Em quanto o estrangeiro desvella-se para engrandecer o solo natal, desenvolver a industria, aperfeiçoar o trabalho e animar as classes laboriosas, no Brasil, na Bahia, pelo contrario, pretende-se arrancar a miserias familias um tenne meio de ganhar a vida!

—E de quem é tal lembrança?

—A lembrança, dizem, é do commandante do corpo.

—Não é possível.

O major Marinho ama seus patricios, o major Marinho tem bom coração, e não quererá, por certo, concorrer para o mal de tantas familias pobres, que se arremedeiam com aquellas costuras.

—Muitas familias pobres, diz V. Ex. bem, acham naquelle licito meio de vida com que attenuar suas necessidades.

Vou provar com um exemplo:

Uma senhora devia tres mezes de casa ao proprietario e este quiz executar-a; mas a mulher chegou-se a elle e disse-lhe:

« Sr. A. P. M. não me desfeteie, que eu brevemente lhe pago; estou cosendo aquellas 50 calças do corpo policial e com a importancia dellas pago lhe os 36 \$000 rs. O proprietario, vendo a boa vontade da pobre mulher, mandou suspender a execução e no fim dos tres mezes foi embolsado.

—Na Europa não se cõsem calças e fardas melhor do que aqui, e por tanto acho incrível que se pratique tamanha tyrannia.

—E sabe V. Ex. com quem se deu o caso que acabei de contar?

Com a viuva de um homem que, em presença do Sr. major Marinho, deu a vida defendendo a patria nos campos maldictos do Paraguay.

—Dispa-se de vãos temores. Apesar da pouca animação que se dá ás artes e industrias do paiz; eu estou certo de que nemo digno commandante, nem o governo, terão semelhante ideia, para aggravar a ja tão precaria sorte de tantas familias desamparadas.

—V. dá-me uma palavra?

—Desculpe-me; tenho pressa; vou á Calçada e quero aproveitar o fresco da manhan.

—Então vae a pé?

—Si Deus quizer.

—Olhe, já agora quero dar-lhe um conselho; não passe pelos trilhos.

—Pelo risco de ser esmagado?

—Qual! por outra cousa; os gorentes mandam metter o chicote em quem passa por cima delles.

—Por cima de quem?

—V. está doudo; aqui não é o Pyauby onde se surra gente forra.

—Ora estal!

Terca-feira, o João Ignacio mandou lavar de chicote a um pobre homem, e elle mesmo moqueou-lhe a cara de bordoadaz.

—Sem motivo?

—Não ha motivo que authorise a chicotear um homem livre.

—Mas emfim, as vezes...

—O homem puchava uma carroça, e não tendo por onde passar, por estar a rua impedida com obras da empreza, passou sobre os trilhos; isto foi no Noviciado.

—Ora meu Deus, quem é pobre é caxorro!

—E o que admira é que façam isso certos homens...

—Não é possível que a sociedade se vá assim golpeando com a impunidade de factos, que ferem profundamente os costumes e as leis mais nobres da natureza.

—Capitão, communicam-nos que, na villa de S. Francisco, estão grassando camaras de sangue e febres com character epidemico e se tem dado muitos casos de mortes repentinas.

—Neste caso, dirija-se ao Sr. barão de S. Lourenço; elle que syndique da veracidade da communicação que lhe fizeram; e, a ser exacto, mande para lá os soccorros que a sciencia medica aconselhar, a fim de attenuar os soffrimentos dos habitantes d'aquella localidade.

—Deus que lance seus olhos misericordiosos para aquelle povo!

—O que ha na policia? Vejo tanto povo agglomerado na porta.

—E' um processo que ha na delegacia.

—Sabe de quem é?

—E' uma queixa por injuria que dá a familia Ramos contra um individuo.

—Que Ramos são? Os que espancaram o saveirista Gustavo?

—Sim; accusam o individuo que tirou o offendido das mãos de seus aggressores.

—Como é este mundo!

Homens que desrespeitam a lei, são os mesmos que se atrevem a ir procurar na lei desabafo ás suas vinganças!...

—Por praticar uma acção de humanidade ja se pretendo nesta terra metter um homem na cadeia!

—E elle que não aguente os cordeis, que está bem arranjado.

—Pode-se dizer que o paraizo terrestre mudou-se para a Bahia, e voltámos ao tempo da innocencia.

—Porque razão?

—Estamos em epocha de simplicidade:

Tanto que se olha para um homem nú na rua como cousa muito habitual.

—Cousas de doudo. E' um infeliz creoulo, que foi soldado e serviu nos pedestres.

A Casa da Santa Misericordia expulsou-o e elle anda nesse deploravel estado.

—Porem quasi sempre é assim e ninguem dá cavaco com isso.

Quarta feira esteve assentado nas Portas do Carmo em completa controversia com o pudor; de uma casa é que lhe mandaram um pedaço de panno, que amarrrou pela cintura. Sexta feira tirou as calças e a camisa e desceu pela ladeira do Aljube, seguiu pela rua do Tijollo e subiu a ladeira deste nome.

—O que me admira é dizer-se que nesta terra ha muita charidade.

—Porem não é este só.

Outro dia o professor *Bananinha*, nos Perdões, ás duas horas da tarde, arreou as calças, e em altas vozes convidava a que viessem admirar a prodigalidade da natureza. E ao mesmo tempo lamentava a falta de uma *mão charidosa* que lhe desse limitivo a *seu soffrer*.

—Este, alem de maluco, *aperta-se*.

—Meu charo, o que posso lhe assegurar é que, si aos doudos se dá tão ampla liberdade, não é de admirar quando em publico se presenciar alguma pratica daquellas que o pudor pede seja feita ás occultas.

—Capitão, como V. Ex. é dedicado amante da liberdade e decidido defensor da causa dos opprimido, venho lhe dar conhecimento de um facto.

—Sobre o que versa?

—Sobre duas raparigas que, dizem, sendo livres, foram vendidas.

—Para isso, conte commigo.

—Eu não garanto; são informações que me deram; porem entendo que são casos que devem ser ventilados e bem esclarecidos.

—Que duvida.

—Eis o caso:

Um africano, retirando se para Africa, deixou á africana Felicidade, uma escrava coartada em sua liberdade por 400\$ rs. com declaração de que o fructo do ventre da mesma seria livre. A escrava teve duas filhas, Sabina e Innocencia, as quaes foram baptisadas em Sant'Anna como escravas. A pretendida senhora, porem, arrolou-as sempre como livres e nunca matriculou-as nem pagou a devida taxa.

Sucedeu que, em 1868, uma das raparigas reagindo por seu direito de livre, deu motivo a que Felicidade mandasse pelo procurador João Cadete matricular-as como suas escravas;

cuja matricula acha-se viciada por apresentar uma differença de dous annos com a certidão do baptismo das mesmas; accrescendo que a africana não tem documento por onde prove que pagou taxa dessas escravas dos annos anteriores a 68.

Ultimamente, pretendendo as raparigas descartar-se do jugo da inculcada senhora, foram vendidas para fora da terra; e a africana, ou seu procurador, despertados por alguém, trata de ver si adquire nova certidão de baptismo e alguns documentos com que possa, illudindo as vistas da lei, allegar direito de propriedade sobre ellas.

—Acabou?

—Agora. Pode ser que tudo isso seja inexacto; mas tambem pode ser real. Tem se visto muita cousa e não custa nada verificar-se; mesmo que a cousa está fallada por muita gente e tantas boccas em cima é signal de que ha o que quer que seja.

—O competente para isso é o chefe de policia: vou ver si faço chegar ao seu conhecimento e pedir-lhe providencias.

À PEDIDO

—José Felippe e José Alves de Nazareth foram presos no Caes Dourado, implicados na conducção de assucar roubado: o comprador é um tal Alexandrezinho; o *gamado* ia, dizem, para o trapiche do Amaro.

—Ja está tudo arranjado; os rapazes estão na rua.

—E esta! A policia deita os bofes pela bocca e quando pega os agentes do olho vivo manda-as em paz!

—Si ostê tien tanto de carnolla como tien de parolla e penolla, ostê está o passaro melhor deste mundo, disse o hespanhol, ao papa-gaio que fallava.

A policia só faz espalhafato.

Certa menina sympathica,
Parecendo mesmo bella,
Faz *tijollo* co'um sujeito
De janella p'ra janella.

Parecem dous macaquinhos,
Nos acenos, nas posturas;
Mas por um tanto indiscretos
A moral soffre torturas.

Por ser isso muito ás cancaras,
Não é preciso dizer;
Mesmo que o cujo é casado,
Quem quizer que vá saber.

—Si á authoridade corre o dever de velar pela moralidade e fazer respeitar o decoro

publico, chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé. para o licencioso comportamento dos moradores do sobrado n.º 7, a rua d'Ajuda. Espera-se de S. S. uma medida que tenda a evitar qualquer conflicto provocado pelo irregular procedimento de tão irreflectidos moços.

MOTTE.

*Pagode sem bebedeira
Não é cousa de rapazes.*

GLOZA.

O meu bem em certa feira,
Em que comigo se achava,
Disse que não adoptava
Pagode sem bebedeira.
Reprendendo-a da asneira
Lhe disse: «Marcia que fazes?»
Ella então fazendo as pazes
Respondeu-me com carinho:
Gentes, pagode sem vinho
Não é cousa de rapazes.

VARIEDADES

Iudo certo ecclesiastico de jornada, chegou em um domingo a uma pequena villa, e quiz dizer missa, para o que procurou um padre para se reconciliar, o que fez; porém ficou admirado quando viu que o confessor não sabia absolver, o que o obrigou a indagar, e soube que o confessor era posto alli pelo verdadeiro parochio, para este ter descanso. O bom ecclesiastico procurou o parochio e disse lhe, que a consciencia o obrigava a declarar-lhe a ignorancia de confessar e que tal ignorancia era muito prejudicial ao bem das almas daquelles povos: ao que o parochio lhe respondeu:

—Que quer Vm? não acho outro q' me venha servir porém tenho dito aquelle salvagem:

«Padre, você não sabe deitar a absolvição, não a deite; confesse-os somente, e depois mande-os para mim, que eu os 'absolveirei. Pois senhor, nem isto tenho podido conseguir delle.»

A MOÇA COM DOUS AMANTES.

Certo joven, tendo de separar-se de uma menina que ternamente amava, para ir fazer uma viagem, na vespera da partida foi despedir-se della e da familia. Depois de protestos de fidelidade, de parte a parte, juramentos, lagrimas, e tudo mais que é natural nestas occasiões, pediu-lhe o amante que lhe deixasse cortar um anel de seus cabellos, para a ter sempre na sua lembrança. A moça consentiu gostosa, mas quando o amante foi cortar-lhe um dos aneis do lado esquerdo ella

—Olhe, corte do lado direito, por que dali ja eu deixei cortar outro, para o mesmo fim a fulano, seu companheiro de viagem: o amante fica sobresaltado com tal reposta e lhe diz:

—Que, senhora! pois vós entretendes outro amor que não seja o meu?!... e ainda m'ó declarais?

—Não tendes que arguir-me... respondeu a moça com todo o sangue frio; julgais acaso que o meu amor seja de menos valor que as letras dos negociantes, para que vá em primeira e segunda via?!...

O amante não ponde deixar de soltar uma gargalhada, ouvindo semelhante resposta, e retirou-se-deixando o cabello em poder de sua dona dizendo-lhe:

—Minha senhora, estimarei que seja feliz em sua especulação da sua letra de risco.

LOGOGRIPHO

Tem só cinco letras,
E' facil de mais,
Olhai, meus leitores,
Se m'ó decifraes.

Na meza vereis 1-3-5-4-2
Sou roubo cruel, 3-5-1-4-2
Do panno sou morte,
Sou vida ao papel 4-3-5-1-2

E' verbo que mostra
Qualquer decisão, 2 1-4-5-3
E' verbo de encontro! 4-2-1 5-3
De mãi é condão, 1-5-3-4 2

No campo da guerra,
E mesmo na paz 4-3-2-1-5
E o todo, o conceito,
Nas casas verás.

A. A.

EPIGRAMMA.

A UMA VELHA PRESUMIDA DE SER MOÇA.

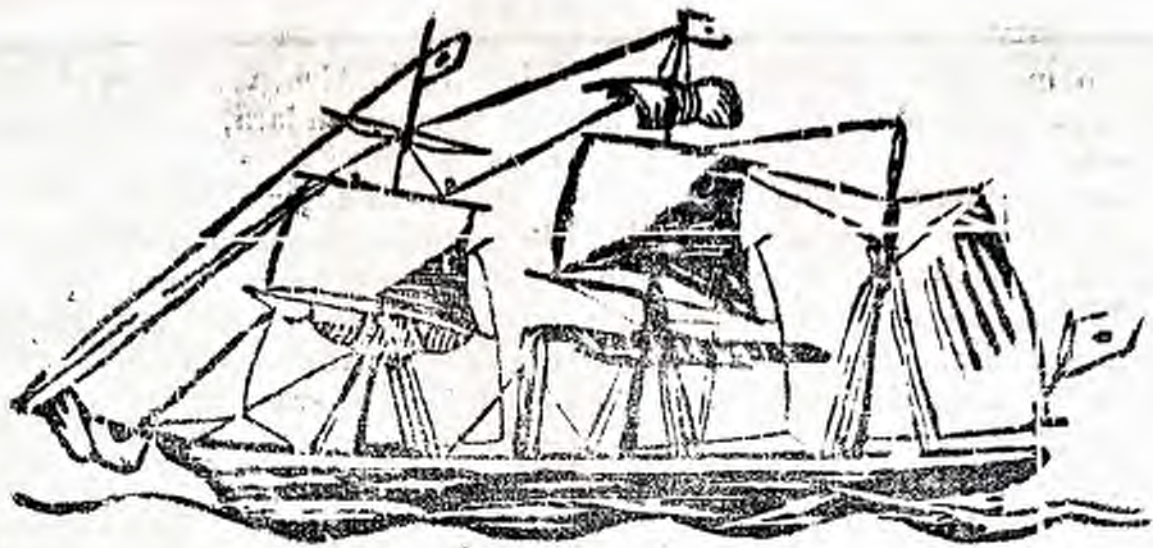
Vertigem, somno, hemorrhoidas,
Gafeira, ventosidade,
São flores, são attributos
Das moças de sua idade.

DECLARAÇÃO

Destribue-se com o numero de hoje a folhinha do periodico *Alabama*.

ANNUNCIOS

Na rua d'Ajuda n. 18, 1.º andar, ha uma pessoa que se deseja alugar para tratar de fianças e engomar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VIII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

12 DE JANEIRO DE 1870.

N. 597.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
11 de janeiro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, exhortando-a para que mande concertar o cano da ladeira da Praça, esquina para a ladeira das Veronicas, em cujo logar existe um grande baraco, reduzido a despejo publico, o que causa dous males; a infecta exhalação que desprende e as continuadas torcidellas de tornozellos, sahindo alem disso os pacientes com as pernas ensopadas de trampa.

Espera-se da Illma. este favor.

--Diga-me só que ideia não ficarão fazendo estes estrangeiros da civilisação e moralidade desta terra!

—Tristissima.

—A' chegada dos vapores, esse alluvião de mendigos invade os caes e mal o estrangeiro, que pela primeira vez aporta a estas plagas, pisa em terra, vê se cercado por todos os lados de pedintes, que esfaimados estendem-lhe as mãos.

—Os homens ficam estupefactos sem comprehenderem a significação de tão burlesca e repugnante scena.

—Um paiz tão novo, tão rico e tão coberto de vicios!

—Deve estar bem decadente o paiz cujos

seus naturaes saúdam os que chegam pedindo uma esmola!

—O suor do povo vae-se em tantos desperdicios e não se cria um asylo, quando não seja por compaixão á miseria, para evitar tão degradante spectaculo aos olhos estranhos.

—E o emigrante recusa a estabelecer-se em um paiz onde vê tanta pobreza e vae procurar solo mais feliz.

—Lembrei-me agora de uma cousa.

--O que foi?

—O destino que deram aos dinheiros que se tirou para festejar o fim da guerra.

—Si não gastaram, deve estar ahi.

—Não fallam mais nisso!

Cahiria em *exercicios findos*?

—Foi um imposto que se cobrou ao povo.

—Falla-se na vinda dos batalhões, e é bom que os que teem esses cobres em seu poder deem um ar de sua graça.

—Pois o presidente precisava lá de fazer isso!

—Fez, capitão.

—E' pomada sua.

—Acredite.

—Não está nesse caso.

Mandar chamar um ferreiro para lhe endireitar uma fechadura e depois não querer pagar!

—Valeu-se do pretexto de que o homem lhe fallou com o chapéu na cabeça.

—Elle sabe que não é o SS. Sacramento que não se pode adorar coberto.

— Isso foi o menos; o mais foi a descompostura de negro e atrovido que passou no obscuro artista.

— Empine-se, que eu não creio.

Um homem de senso dispensa essas bugiarias e desculpa a falta de um artista rude, commettida, talvez, distraído com o trabalho; não faz isso que V. diz.

— Fez elle e em cima não pagou.

— Quem não paga é caloteiro.

— Sim, Sr., concordo.

— Pois então, deixe-me em paz.

— Capitão, eu queria fazer uma supplica á corporação medica?

— E por que não faz?

O que é que pretende dessa distincta corporação?

— Queria que os membros della, que prestam um juramento de humanidade, se quotisassem e com o que arranjassem entre si socorressem ao Dr. Fonseca Galvão, que se acha cego e mendiga o pão da charidade publica!

A corporação musical, aliás composta de artistas pobres, reúne-se, quando algum de seus companheiros cahe na indigencia, e o socorrem, não o deixando assim mendigar pelas ruas o pão da charidade!

— E por que os medicos, uma classe de homens illustrados, não os hade imitar?

— Estou certo que elles attenderão ao seu pedido!

— Esperemos!

— Os padeiros não fazem caso da postura da camara, ou a camara não se importa de os fazer observar.

— E' verdade; os pães não tem o pezo legal.

Um pão de dous vintens que deve ter uma quarta, deitando-se na balança, peza muito menos; e alem disso é fabricado com pessima e intragavel farinha.

— Mas elles dão como desculpa a carestia da farinha e que por isso não podem fazer com o pezo que marca a postura municipal.

— Neste caso augmentem o preço e não diminuam no peso.

— A camara é a competente para tomar providencias á respeito, ella que providencie.

— Va esperando pelas providencias, ella pouco se importa com os soffrimentos do povo!

— Capitão, ouça um passo das irmans de charidade.

— Estou ouvindo.

— Tendo ido, ha poucos dias, uma pessoa

á ladeira do Alvo, ver umas obras de agulha que encommendara, uma charidosa travou conversação.

Depois de fazer o apanagio de um montão de virtudes, capaz de carregar dez navios, e enumerar muitos serviços que faziam a esta terra, instruindo a este povo de rusticos, tratando de creanças e enfermos, disse que parte dos bahianos eram muito ingratos pela injusta apreciação que dellas faziam e pela falta de gratidão para com ellas que vieram regenerar a educação da infancia femenil...

— Vangloria, no caso.

— ... e que *desinteressadamente* ensinavam tudo que sabiam.

— Deus nos livre d'isso.

— E accrescentou que a imprensa era demasiadamente mal-intencionada para com ellas, principalmente uma *folhinha* chamada *Alabama*; porem que um dia haviam de se desenganar.

E a proposito, contou:

Que Pedro José de Castro escrevera muito contra ellas; porem que depois, cahindo em si, um dia se lhes apresentou dizendo que estava arrependido da injustiça que lhes fizera e das injurias que lhes assacara, pois estava convencido da pureza de suas intenções, vinha lhes pedir perdão; e que um mez depois disso, Pedro José de Castro cahia morto á facadas... Foi o dedo de Deus, disse ella....

— Visto isso, vaticina ella a mesma sorte ao *Alabama*? Ora nonoroques!

— Como são vingativas!

De sorte que, enquanto Pedro José de Castro praticou o mal, calumniou-as, offendeu-as, injuriou-as, a Justiça Divina não o fulminou; no dia em que, conhecendo o erro, arrependeu-se e procurou reparal-o, o dedo de Deus se revela pela mão de um assassino!

— Que stulta presumpção!

O dedo de Deus se revelando pela morte de Pedro José de Castro por haver offendido ás irmans de charidade!

Sebo para ellas.

— Como sabem ellas perdoar!

— Como seguem ellas a doutrina da imagem d'Aquelle que trazem pendurado á cintura e cujo cofre de ineffaveis graças está sempre aberto para o perdão de todos, que verdadeiramente constrictos se mostram de seus erros!

— A charidosa concluiu sua historia dizendo que a mulher de Pedro José de Castro morreu, e que hoje uma filha que deixou, existe em poder dellas, recebendo uma educação, sendo pensada, e que no seio dellas, acha um abrigo, um amparo.

— Por ventura é por amor de fazer bem que

assim obraam? Vieram da França desinteressadamente para aqui?

Mas veja que daninha satisfação do mal alheio!

Quanto orgulho vae no spirito dessas mulheres!

Um dia houve um homem que, dizem ellas, as offendeu; pelas vicissitudes do mundo a filha deste homem teve de cahir debaixo do dominio dellas e ellas contam isso com van-gloriosa satisfação!

—Onde está o merito desta acção, si ella é feita com ostentação e si as irmans de charidade contam com vaidade a todo mundo, que visita o collegio, este rasgo que appellidam de generosidade, por ser praticado com a filha de um homem que as ultrajou?

—O dedo de Deus!... disse ella.

O dedo de Deus a respeito dellas ainda não se revellou.

Ha de sel-o no dia em que forem banidas as causadoras de centenas de brasileiras andarem prostituídas, arrastadas pela fome, vendendo o corpo para viver... lutando com a miseria e a enfermidade; tantas perdidas que enchem os cortiços, quando podiam ser outras tantas mães de familias honestas e laboriosas; jovens brasileiras, que foram atridas ao lodaçal do vicio por mãos despiedadas, a quem em breve a syphilis devora as carnes, como a crapula lhes roera a alma e morrerem blasphemando da Providencia.

O dedo de Deus se ha de revellar, quando, um dia, os rendimentos da Santa Casa deixarem de ser patrimonio das congregadas de S. Vicente de Paula.

As irmans de charidade absorvem parte do patrimonio da Misericordia.

E si não é assim, a Meza, por sua prohibidade, que publique as despezas que faz com essas mulheres.

São mulheres parcas que para sua dispensa, pedem seis queijos por mez.

—E são sobrias e modestas!

—Exigem um barril de vinho; manda selhe um barril de vinho do que no commercio se chama bom; e ellas recambiam-no dizendo que não bebem daquillo e estipulam que que-rem vinho de 80\$ rs. ao barril!..

São mulheres modestas, dedicadas ao serviço de Deus, que, dizem, passam dias em retiro, e que se entregam a prazeres mundanos, aos excessos das mezas, e, por cumulo de humildade, festejam annos com luxo e apparato gastando só de peixe 25\$ rs., despezas que sahem do rendimento da Misericordia.

—E os doentes comem carniça; e tem um caneco d'agua por noite!

E no asylo do Campo da Polvora uma ama de leite amamenta sete creanças!

—E acobertam esses gozos materiaes, que fruem, essas delicias da vida, com a hypocrita austeridade de uma vida contemplativa, com o veu de calculado sigillo; tanto que não ha um empregado nacional, por mais confiança que nelle depositem, que já fosse capaz de presenciar o menor acto da vida dessas mulheres, principalmente no que diz respeito á meza.

—Que de esbanjamentos, que despezas excessivas não se faz no asylo, ao passo que as educandas comem bacalhau com arroz e são obrigadas á carregar os ourinoes com ex-crescencias para a latrina.

—O Sr. Dr. Mendes da Costa Correia, que se acha na administração da Santa Casa, que abra os olhos com tantos abusos dessas mulheres, acabe com esse luxo de princezas que ellas ostentam particularmente, em quanto na rua andam de cabeça baixa e vestidas com um borel de gro so panno; lance os olhos para a enorme despeza feitas por ellas; condoa-se da sorte dos desgraçados doentes da Santa Casa e sobre tudo lembre-se dessas infelizes moças que andam por ahi sem abrigo, sem asylo, destituídas de recursos, com a mesquinha esmola de 8\$ rs. por mez, esmola que, apesar de ridicua, assim mesmo não é a todos que dão.

—Como andam os ladrões!

—São capazes de roubar o menino Deus dos braços de Santo Antonio.

—Até as guardas não escapam!

—E' verdade, roubaram a dos Afflictos.

—Foram-se 70 cartuchos do cunhete.

—São cousas que parecem incriveis.

—Capitão, estes enganos não são bons.

—O que é?

—Escute:

«No districto de Santa Cruz, termo de S. Francisco, José Correia matou com duas facadas na semana passada um seu filho menor de 8 annos. O facto segundo consta, deu-se da seguinte maneira:

José Correia ao chegar á casa, percebeu que alguem se achava deitado em uma rede com sua amasia.

Sem mais exame, nem o menor ruido, e cego pela paixão do ciume que o devorava e impellia a uma vingança decisiva, aproxima-se da rêde e descarrega duas facadas que atravessam a misera creança e ferem a sua infeliz mãe. Quando o assassino ouviu o grito da creança é que conheceu que as victimas eram seu proprio filho e sua amasia.

A creança morreu poucas horas depois.

O que ha de horroso n'isso, é o dizer-se

que esse miseravel é amasiado com a propria irman. Assassinou elle por tanto o seu filho e sobrinho!

E' horrivel! Essa fera foi felizmente preso e acha-se na cadeia.»

Á PEDIDO

Eia súis! Alerta todos!
O' lá, turbas badernistas;
Immensa rapazeada,
Das saias apologistas;

Amanhan é a lavagem
Da egreja do Bomfim;
Correi todos, não falteis,
A um tão chulo festim. ;

A lavagem do Bomfim!
O dia de gran-folia!
O pagode de mais chisto
Que se faz nesta Bahia!

De cada qual a algibeira
Que bem recheiada esteja,
Que as creoulas no Bomfim
Gostam de tomar cerveja.

La verão o João de Deus,
Nosso amavel aspirante,
Dirigindo a maganagem,
Todo gaménho e elubante.

Mestre Marcos teve ordem
Para avisar sua gente,
E de bombo na cabeça
Do samba marchar na frente.

O Paranhos, na folia
Metterá sua colher,
Ha de levar seus meninos,
Não em trajes de mulher.

Ha muita cousinha nova
P'ra quem gosta apreciar....
Prodigios da natureza
Vão alli admirar.

De creoulas na cidade
Não fique uma só de *infusa*;
A que não for á lavagem
Hado passar por *fusa*.

—V. saberá me dizer uma cousa?

—Talvez.

—Em que deu o negocio dos paletots roubados pelo larapio do *linha nos ares*?

—Ora em que havia de ficar!

Na impunidade do ladrão.

—Que sempre o diabo ha de ajudar aos seus!

—Uma peste que devia estar em uma penitenciaria para descanso da propriedade alheia!

—Pois si o safado olho vivo teve a inaudita

coragem do dizer ao chefe de policia que não tinha vendido ao honesto artista o paletot roubado; quando antes declarara ao dono do roubo que o vendera, e que até o comprador não tendo todo dinheiro, lho deixara uma cadeia em penhor!

—De maneira que está ali na *Taboa grande* estabelecido um sorvedouro do alheio!

Tudo, que a rapinagem empolga, corre para ali e *linha nos ares* vae arrecadando pelo barato para revender!

—Aquelle engolle-roubos está n'uma verdadeira mina!

Nada melhor do que comprar por dous e vender por dez.

—Não adianta nada.

O ladrão ha de roubar, roubar a fartar e por fim de contas o diabo ha de lhe carregar tudo, até a alma.

—La quanto á alma é cousa que elle pouco cavaco dá; ha maito que vendeu-a a Satanaz.

—Eu me contentava mais si o visse de calceta ao pé, com um barril ás costas, como expiação de tantos extorsões que tem feito.

—Mas quem deve velar não vela.

—Porem ha uma potestade terrestre que não tem commiseração com tratantes e ladrões.

—Quem é ella?

—O muxingeiro do *Alabama*.

—Então recorramos á sua benefica intervenção.

—Está dito.

(Continua.)

—Ah, carecamano, em quo estado pozestes as costas do pobre doido!

—Quem é aquelle malvado?

—Um lazzaroni que não esquenta logar; um dia anda de realejo e macaco, outro dia mette se n'uma tasca; agora tem uma biboca na rua de D. José.

—Cortou o doudo a chicote!

Na terra delle ja estava na cadeia; mas aqui!

—Porem como o chefe de policia ja mandou o doudo para a Correcção, creio que tão cedo elle não o acha para maltratal-o.

—O logogripho do numero antecedente é — *porta*.

ANNUNCIOS

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, com aula primaria ao largo da matriz do S. Pedro Velho, participa aos paes da familia que ja se acha lencionando desde o dia 10 do corrente.

Bahia 11 de janeiro de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Anno VIII.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preco d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

15 DE JANEIRO DE 1870.

N. 598.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
14 de janeiro de 1870.

Portaria ao fiscal do Pilar, para que responda, si tem algum compromisso com a padaria do Chamusca, á esquina do Bom-gosto, visto não constar que ja impozesse qualquer multa a seu proprietario, apezar da mesquinhez com que são pezados os pães da supradita padaria e do clamor popular. Cumpra.

—Capitão, disseram-me que o vigario da Victoria foi causa de ficar um corpo sem sepultura por espaço de dous dias.

—E' manifesta contradicção á charidade parochial.

—Manoel Rodrigues Alves, conhecido por Manoel Roque, pobre pescador, maior de 50 annos, falleceu no dia 4 de janeiro as 6 horas da manhan, e no outro dia, as 5 horas da tarde, seu cadaver estava em casa, por que o vigario entendeu que devia pôr embaços a que fosse sepultado!

—E' horrivel!

—Recorrendo-se ao vigario para attestar a pobreza do homem, elle negou-se a principio e por fim deu um attestado phosphorico

—attesto que é pobre, não que eu sabia, mas por que me dizem que o é.

—E os vigarios não devem conhecer seus parochianos?

—A Santa Casa, á vista da má vontade do vigario, não quiz sepultar o homem e elle ficou de infusão dous dias até que o subdelegado mandou o sepultar.

Na occasião do sahimento, o corpo estava em completa dissolução e exhalava um fetido insuportavel.

—Vivem estes padres a desacreditar a religião catholica com essas e outras!

—Quando é um rico que morre, elles vão para á porta do defunto, caminham atraz do caixão a cantarolar preces e encommendações.

—De maneira que, si as orações levassem a alma ao ceu. não havia homem rico que fosse para o inferno.

Para um pobre negam um simples attestado!

—O serviço dos trilhos urbanos ainda não está como é para-desejar.

Ha inconvenientes que precisam serem removidos.

—Os gerentes esforçam-se para isso, parece.

—Um delles, e que reclama séria attenção, é a observancia da lotação dos carros: admittem maior numero de passageiros, o que traz o inconveniente de serem estes obrigados a descer dos carros nas subidas de declives; como constantemente aconteceu no dia da lavagem, quando chegavam ao Canto da Cruz.

Outro inconveniente é a falta de cuidado na partida dos carros e a imprudencia dos bo-

lceiros: na quinta-feira houveram diversos abalroamentos e n'um delles a lanca de um vehiculo varou sobre outro e por poucas não se tem de lastimar algum caso.

E' preciso olhar para essas cousas.

Depois, a justiça deve começar por casa. Como é que, sendo prohibido fumar se, um dos gerentes é o proprio a infringir e dephis quer dar gritos nos mais?

—Como a conversação é sobre carros, diga-me: é certo que um carro pisou uma mulher?

—Isso foi no adro; passou sobre as pernas de uma parda e offendeu mais a uma africana.

—E' tambem um descuido imperdoavel da policia consentir que onde ha agglomeração de povo as carruagens transitem pelo meio.

—Quando os empregados dos vapores da Companhia Bahiana roubam uns aos outros, quanto mais si poderem pilhar alguma cousa dos passageiros!

—Ja vem com suas historias?

—Não é historia, é um caso que deu-se na quarta-feira, no vapor *S. Francisco*, para o qual chamo a attenção do gerente da Companhia.

—Ora conte-o.

—O vapor *S. Francisco* não foi na terça-feira para Santo Amaro, e sim para Valença afim de trazer a carga que o que anda para lá não pode trazer.

E' empregado do vapor *S. Francisco* um pobre rapaz, orphão de pae e mãe e que tem duas irmans, para as quaes contribue elle, do pequeno ordenado que ali tem, com alguma cousa para a subsistencia dellas.

—E' uma acção louvavel esta que elle pratica.

—Pois bem; esse rapaz perdeu, ha poucos mezes, o pae, o qual deixou uma plantação de cannas que elle vendeu, no domingo, para com esse dinheiro pagar as despesas feitas com o enterramento d'elle.

Foram burlados os seus planos!

As cannas foram vendidas por 45\$000 rs., os quaes elle depositou dentro de uma area, para, quando voltasse a Santo Amaro, pagar as despesas feitas com o enterro.

Fatalidade! Um dos seus companheiros viu elle depositar o dinheiro na area, e, apanhando-o descuidado, roubou!

—Atraz dos apedrejados correm as pedras!

E o que fez o capitão do vapor?

—Disse, segundo me consta, que ia dar parte na companhia.

—E acho bom que a Companhia syndique de quem foi o larapio, e demitta-o do vapor, porque assim como elle não respeitou o di-

será dos passageiros, si por ventura achar alguma cousa desgarrada.

—E é por isso que todos os dias ouvimos queixas de roubos de bahús, de arcas e de muitas outras cousas.

—Agora, eu faco justiça ao caracter do capitão do vapor *S. Francisco*, é um homem honrado; mas infelizmente trabalha com homens viciosos e usurarios!

Mas que remedio tem elle si nós estamos em uma epocha de corrupção? Si elle deitar para fora um, porque é larapio, entra outro peor!

—Neste caso.....

—... é deixar o mundo marchar como vae marchando!

A PEDIDO

—Capitão, estou aqui meditando nas contrariedades da vida, nas miserias do mundo.

—Assim faz quem não tem o que fazer.

—Este mundo é um theatro, cujo scenario é bem extravagante!

Os actores invertem os papeis...

O leproso moral, coberto de maculas e podrixeiras, transita impavidamente e passa por benemerito da sociedade; o ladrão faz questão de sua honestidade, o assassino vê retumbar seus sentimentos humanitarios e o estellionatario é cercado de considerações pela inteireza de sua probidade.

Ao passo que a virtude, occulta no ven da obscuridade, passa desaperecebida, os caracteres puros são olhados com desdem e o bom senso escarneido.

—O mundo é das apparencias, meu amigo; feliz do que sabe fingir se.

Hoje tudo cifra-se na questão de dinheiro.

Tudo faz se por ostentação....

Olhe para os nossos ricos.

Nada desses actos verdadeiramente generosos, porque profundamente moraes, são sem estrepito..... Onde a viuva honesta e digna, que ja encontrou a mão *realmente* generosa de um rico? Onde o talentoso orphão ou filho do pobre achou a mão desinteressada do rico, que se sentisse feliz em *fazer jorrar as agoas do rochedo*? Onde os hospitaes? Onde as casas de educação e amparo á pobreza?

—Grandes criminosos, que deviam expiar nas galés os males causados á sociedade, inculcanti se de probos e o mundo lhes dá seu beneplacito!

Aqui é o contrabandista que se levanta a titular; ali o moedeiro falso que acaba em philanthropo, á custa do muito que furtou; este é um juiz venal que trocou a honra da viuva e da orphan pelo preço de uma joia entastada ou de uma gorda molhadura; aquelle

é o politico. *judas moderno*. que pela calumnia fere os mais sagrados direitos de seu semelhante para obter do governo uma graça, quasi sempre a posse de um osso já enlameado pelo muito que ha rojado no charco, levado aos dentes de cães famintos, como elle, e mais que elle abjectos.

—É o egoismo que tudo isso determina; a ambição, a torpe ambição, esse fructo do inferno plantado por Satan no coração do homem, que tantos males produz.

—É assim que muitas vezes a honestidade humilde, porem pura, é obrigada a ceder o passo ao ladrão, ao prevaricador, ao incendiario; é assim que o potentado de origem illegitima vem insultuosamente manchar a jaqueta limpa do operario!

Tremenda miseria!

Fatal desgraça!

—São as apparencias que enganam, meu rico.

Roubar nas trevas para dar esmolas ao meio dia!

Ser bandido na sombra e prodigo em plena luz! Ser demonio á face da noite que tudo esconde, e ser anjo á face do dia que nada esconde!

Eis os predicados para ser bom, virtuoso e justo.

—Empolgar mil e dar um; eis a grande algebra dos usurpadores de fortunas, dos commerciantes fraudulentos. Ser ave de rapina e mascarar-se de rola; eis o engenhoso systema das feras sociaes. Ser lobo transformado em pastor, eis o que são os salteadores de casaca.

—Mas, meu charo, o mal é incuravel; essas chagas tornaram-se chronicas por que são de longa data.

Deixe fallar; desde que o mundo é mundo houveram tratantes e ladrões.

Não são passados muitos dias, que eu, ao desarrumar um empoeirado armario, dei com um alfarrabio antiquissimo, o qual contava uma historia horrivel.

É um facto inverosimil, porem horrivel e que prova a avidez e a ambição ao que pode arrastar um homem, que, entretanto, pode andar de cara limpa no meio de todos.

—Ja agora, visto estar-mos sem ter o que fazer, pode relatar-m'o?

—Com summo gosto.

Pela virgem da *Annunciação*! É uma historia maritima, bem tenebrosa, passada ha mais de cem annos, cujo principal heroe chamava-se *Lucido*.

É preciso antes de tudo explicar-lhe que *Lucido* era um homem bastante excêntrico; por exemplo tinha um *pinto* ao qual chamava *marques*.

(Continua.)

—Capitão, venho muito cansado.

—Donde vem tão suado?

—Chego agora mesmo de Itapagipe e presenciarei coisas que me arrepiaram os cabellos.

—Então o que foi que viu?

—Vi *yaya-zinha* de barriga muito crescida, vi tambem um certo cujo parente della.

—Bravo, isso está interessante; conte-me pelo miúdo.

—Não sei, meu capitão, lhe dizer a raõ onde eu vi este facto, uns chamam rua direita, outros chamam dos curvões o que é certo é que o negocio está bem claro á vista de todos.

—É alguem lhe contou isto?

—Foi o moço *Antoninho* cunhado de *Tilio* irmão do *Texeira*.

—Não conheço essa peça; porem mando o muxingueiro que conduza-o á mi nha presença.

—Sim, Sr. capitão, o que faz pena é que ainda temos de ver uma crianga innocente quando nascer ir para a Misericórdia, e tudo isto devido a um cunhado.

—Que quer que lhe faça? não pude prevenir o mal, porem puno o delinquente.

—Ora chupa, devasso!

Era o que tu andavas procurando.

Quem com muitas pedras bole uma lhe dá na cabeça.

—Foi alguma novidade?

—Pois não soube?

—Não.

—Então V. andando aqui pelo *Guindaste dos Padres*, não ouviu dizer que o bacharel *Louva Deus de faveira* acaba de levar uma mella de taca!

—Estou alheio a esse movimento correcional.

É até se quer que lhe diga estou por saber quem seja o tal *Louva Deus de faveira*.

—Está V: bem aviado, lidando com os patifes sem os conhecer, meu *Antonio*!

—Um individuo conheci com esse appellido, mas chamava-se *Telles de Carvalho*, e isso foi a muito tempo.

—Não, esse de quem trato é *bacharel*.

—Então é outro, não conheço.

—Pois não tom ouvido fallar de um desfaçado birbante, que vive a vituperar da honra alheia, um gabola sem pudor que faz garbo em desacreditar a honestidade das familias, um patife, cujo maior prazer é ultrajar a honra das casadas com sua viperina lingua?

—Estou alheio a quem seja.

—É porque você não vai a *Santo Amaro*: la ha muito quem saiba.

Porem o que V. ha de dizer não é isso; o safado, com um rabo de vara e meia, é o primeiro a tratar da vida intima dos mais. Tem irmãos que não deixam escapar palavra...

malha, e nem negam agoa a pinto; e si não namoram ao carrapato é por não saberem qual é o macho.

—Lá isso não nos importa; tratemos do que diz respeito ao marreco.

Então esse improvisado conquistador apanhou?

—Como um boi ladrão.

—E o que fez?

—Correu.

—Publicamente, homem?

—Ora está!

—Que poltrão, que covarde!

—E note que estava munido de uma chibata.

—E' balda de todo detractor; muita força na lingua e fraqueza no espirito.

—O que garanto-lhe é que elle foi bem convidado.

—Foi uma lecção que lhe deve aproveitar para não cahir em outra.

—Eu persuado-me de que não, por ser esta a segunda em que elle chupa taes lamboradas.

Quer-se saber quem é um celebre caturra de *Fabrica*, conhecido no commercio por Antonio pequeno?

E' este atrevido um petiço fogoso com fumaças de rico, que procura introduzir-se nas casas de familias de consideração, á titulo de muita amisade, promettendo casamento, etc., para ao depois desacreditá-las, como tem feito com diversas, por cuja razão anda enxotado; bradamos—alerta! aqui para o Cabral.

Voltaremos, contando a historia do SOTSAB.

—Capitão, dá licença?

—Entre, e diga o que quer, e não me masse.

—Uma couza nova.

—Si não é velha.

—Disseram-me hontem que ha agora um meio bom de vida.

—Qual é?

—Um homem, que dizem ser do commercio, e se achando arreventado não do corpo, e sim das algibeiras, está atravessando enterros e missas do septimo dia para dar a certo armador, mediante uma gorgeta de vinte por cento do valor da obra.

—E' falso isso.

—Ora, capitão, por S. Francisco!

—V. anda sempre com invenções, levantando calumnias aos outros.

—Não é calumnia, capitão, por que quem me disse foi o Souza.

—O Souza é outro calumniador como V.

—Capitão como V. Ex. não acredita no Souza, quem me confirmou ser isso exucto foi o Carvalho.

—Acredito agora por ser o Carvalho homem de bem.

SENIOR BEATO.

Ja que o immundo maroto do Antonio e seus nojentos companheiros da orgia da noite de 22 do passado, procuram vil e torpemente calunniar a pessoas que com elles não se medem, attribuindo a essas pessoas a publicação da bachanal da referida noite de 22, em que o maroto do Antonio festejava alcoolica e jogatinalmente o seu natalicio, á sombra de um pinheiro; festejo, que foi inaugurado com assaltos gavetaes; ja que essa corja, dizemos, tem o arrojo de lançar das asquerosas boccas insultos e doestos contra pessoas inteiramente alheias ao infame e negro procedimento que tiveram, proprio unicamente de caterva tão baixa, força é que taes bandalhos tenham a devida reprimenda.

E por tanto Vm., Sr. Beato, prepare-se para ser o mensageiro que ha de transmitir a cada um dessa casta uma remessa na qual irão de sobre-carga certas gentilezas com que se supre as orgias da bebedeira e inseparavel ronda, cousas estas que muito devem agradar ao Sr. mano.

(Continúa.)

VARIÉDADES

A mãe de familia deve ser previdente como a formiga, que ajunta de verão para o inverno; mas não deve ser como a formiga acarretadeira de tudo quanto ha para sua casa.

A viuva deve ser como a rola que se mostra saudosa de seu amante; mas não deve ser como a rola, á lastimar-se sempre e importunamente aqui e alli, encommodando a todos que ouvem os seus tristes gemidos.

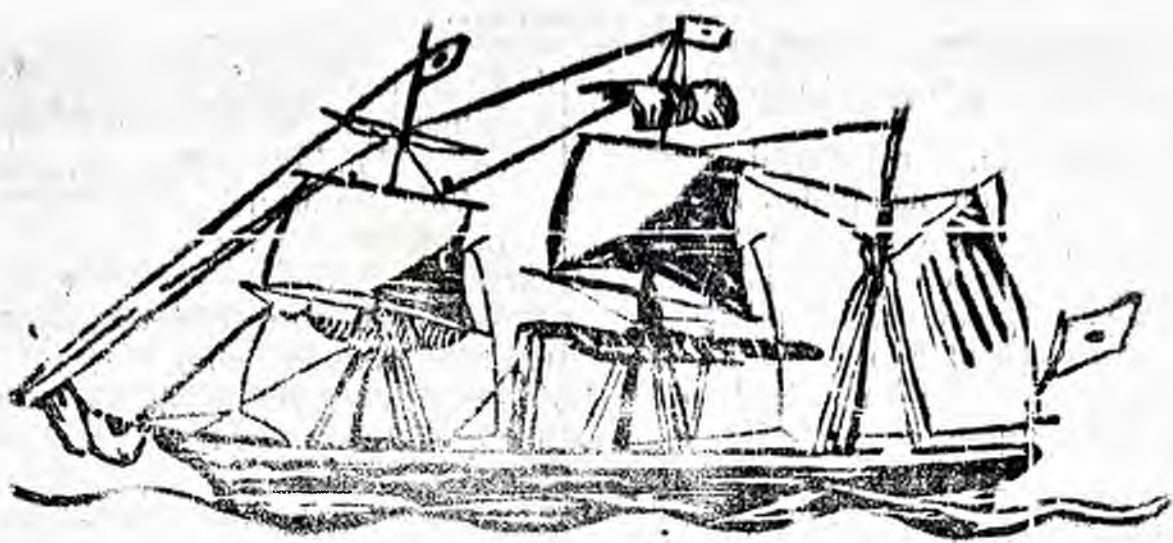
ANNUNCIOS

COLLEGIO ONZE DE JUNHO.

Este Collegio, fundado a 11 de junho de 1868, á rua das Lorangeiras, sob a direcção de Fortunato A. de Freitas, professor da lingua franceza e de escripturação mercantil, licenciado pelo conselho superior de instrucção publica,—abriu no dia 7 do corrente as aulas de primeiras letras, latim, francez e escripturação mercantil.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, com aula primaria ao largo da matriz de S. Pedro Velho, participa aos paes de familia que ja se acha leccionando desde o dia 10 do corrente.

Bahia 11 de janeiro de 1870.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Anno VIII.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

49 DE JANEIRO DE 1870.

N. 599.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, na madrugada de 16 do corrente, o cabo do destacamento do Caes Dourado aprisionou um saveiro com quatro saccas de assucar, grande porção de massos de arcos de ferro e uma immensidade de saccos vasio, e collocou dous guardas no referido saveiro. Ao amanhecer, porém, o saveiro havia desaparecido e do roubo nem vestigios existia! Desconfia-se que um afamado magico de nome *Ze-gordo*, fizera com *cincoenta paus-zinhos* um sortilegio, que empanou as vistas dos agentes da força e poude o saveiro pôr-se ao largo.

E como ao aprisionamento presenciassem Luiz Vieira, Sebastião Alves de Lima, João Cardoso dos Santos, Manuel Ribeiro e outros, leva-se ao conhecimento de S. S. para mandar syndicar como foi essa estrategia.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que procure o marceiro Norberto, no Pau da Bandeira, e advirta-lhe que a visinhança tem amargas queixas de uma pandega de dissolutos que costuma reunir-se em sua tenda, onde, sem se acatar a decencia, pratica-se com estrondo actos immoraes e reprovados, no que muito se distingue um desasado conhecido por *chupa dedo*.

No caso porem de continuar, deverá conduzir-o a bordo deste navio para se lhe applicar o necessario correctivo. Cumpra.

—Esta cidade está entregue a doidos!

—Rapaz, que dislate é esse?

—As irmans de charidade expulsam os doidos para fora da Santa Casa e elles tomam conta das ruas!

E V: o que tem com isso?

—Nada; mas é que elles andam fazendo cousas mesmo de quem não tem juizo.

Sexta feira, o Sr. Pinto de Bulhões, advogado, sahiu do seu escriptorio, ás 5 horas, e chegando defronte da botica do Rodrigues, Atraz da Sé, sem esperar, um doido agarrou-o, quiz abraçal-o e deu com o homem de costas sobre as pedras.

—Que graça! Corpolento como é, devia ficar bem maltratado!

—Nem poude se levantar. Foi preciso earregal-o.

—Mas como doido não sabe o que faz, em resumo, o homem foi quem soffreu?

—Isso é que é exacto.

Ha um tambem, creoulo, que dá atracações nas pretas no Terreiro, para lhes pedir esmola.

Chora, pede, implora, põe as mãos, e quando nada consegue, descompõe o espanca.

As pretas andam escabreadas e logo que o veem, correm.

—E' cravo na verdade andar uma pessoa

na rua sujeito a essas venetas; mas si não ha remedio?

—Não ha remedio, por ser aqui.

—O animal quando não pode com a carga arreia; é o que *por certos motivos* está fazendo a Misericordia; a casa da Boa Vista está em preparativos para quando Deus quizer.

Assim vamos aguentando.

—Sim, la quanto a uma pedrada que se leve, uma cabeça quebrada não vale apenas.

—Ha 15 dias é flagellado n'um tronco um pobre homem sem crime.

Isto é horrivel!

—Onde está elle?

—Na Correcção; chama-se Julião.

—Ora vá elle! E' um maluco que incomoda a gente na rua.

—Mas então é uma barbaridade martyrisar assim a um desgraçado sem culpa.

—Entenda-se esta!

V. clama pelos desvarios que os doidos praticam na rua e agora brada por que se prende um delles!

—A cadeia não se fez para doidos. E' preciso não ter humanidade, para em um pavoroso carcere, atormentar um nosso semelhante, pobre de razão, cujo mal se agrava rá com o terror das torturas.

E' preciso comprehender que o tronco e os flagellos não são mais deste tempo.

—Mas que quer; aqui mette-se os doidos na cadeia e deixa-se os assassinos na rua.

—Dizem que roubaram uma venda no Castanheda.

—E que foram soldados de policia.

—E que o dono apercebendo os ladrões em casa bradara e a patrulha accudira.

—Mas como lobo não come lobo, os ratos de gavela encontraram nos agentes da segurança publica um auxiliar para a evasão.

—Capitão, o governo precisa de gaiollas?

—So si for para engaiollar a probidade de certa gente afim de não fugir..

—Então é isso; por que no trem de guerra occupa-se um homem em fabrical-as.

—Ha de ser nas horas vagas.

—Muito vagas devem ser as horas em que elle não se dá a esse trabalho, pois sempre que entro na dita repartição encontro o cujo atarefado.

—Atraz da vela grande ferra-se o traquete.

Assim é que se começa.

—Sobre o que falla?

—Os trilhos urbanos da Victoria doitou nel pela bocca do publico dizendo que o preço

de suas viagens seria sempre inalteravel, quer domingo, quer dia santo.

—Mas domingo ja levantou a 400 rs.

—Valeu-se de uma escapatoria de viagens extraordinarios para vender os bilhetes mais caros.

—Meu rico, quem vê a mim, vê a meu mano; tudo mais são pomadas.

—E nós vamos engulindo quanta pillula nos querem empurrar.

—J que dizia aquelle sujeito?

—Que o Sr. Guimarães da limpeza, (o mais alto) na rua da Imperatriz, em Itapagipe, metteu o chicote em um tal Amorim que estava assentado em sua porta.

—Foi alguma provocancia.

—E depois declarou que se enganara; que a sova era para outro; mas por ser de noite, equivocou-se.

—São enganos que não servem.

—Mas o que me custou a crer, foi dizer elle, que o Sr. Costa Guimarães affirmara que si o offendido não queria concordar com o engano, era o mesmo; pois era conservador, e portanto não ia preso apezar da patrulha estar presente.

—Historia, quem conta um conto, acrescenta um ponto.

—Está em uso o systema do chicote.

—Até a força publical

—O homem está ebrio; se bão de pol-o em um logar onde cosinhe a mona ou prendel-o; cinco soldados de policia, cortam-no de chibata!

—São do destacamento.

—Que maneira de policia!

Isto é um desacato á sociedade.

—Como se commette tão inaudita violencia aqui no meio do povo, no adro do Bomfim!

—E V. cale sua bocca, si não quer pagar a fava que o asno comeu.

—A patrulha está dormindo?

—O' homem! Nem somno de S. João.

—Então tem as nadegas pregadas no adro de S. Pedro e não pode levantar-se para espalhar esta algazarra tremenda, este insulto a religião, este escandalo na porta de um templo.

—Por ali avalie-se o adiantamento desta terra.

—No adro do Collegio um realejo e violões; toca-se, pula-se desenvoltamente, berra-se, dansa-se quadrilhas, profere-se palavras imundas e a policia defronte vê e ouve tudo caladinhal

—Como foi de viagem ao Bom-fim?

—Bem; no wagon em que eu fui é que ia se dando um sinistro.

—De que forma?

—Nos Coqueiros, os burros cahiram, e o boleceiro e um passageiro foram ao chão, e arrastados pela linha ao impulso das rodas. Felizmente soffreram apenas leves contusões, por que cahiram de um lado do trilho.

—Precise o numero do carro, para não dizerem que é inexacto.

—Não sei o numero, mas o caxeiro chama-se José Antonio.

—Ouvi dizer que houveram desordens?

—Muitas; scenas reprovadissimas.

Exigiam á força conducção e outros queriam vir sem pagar. Insultaram aos directores e até quebraram as quartinhas da estação.

A corda sempre quebra pelo lado mais fraco. Ao passo que os turbulentos faziam mil diabruras impunemente, e atiravam um chuveiro de doestos a gerencia; uma pobre mulher, somente por dizer que no tempo do Ariani havia mais ordem, foi tirada do carro, depois de ter dado seus dez tostões e levada para a Correção, onde está desde domingo até agora, terça-feira, ás 3 horas da tarde, sem nota de culpa!

—Parte do nosso povo não está preparado para certos melhoramentos e gostam de tudo por meio da anarchia.

—Pelo contrario, eu vi gente bem conceituada insuflando a desordem.

Mas em parte a companhia é culpada.

—Como?

—Si não podia satisfazer plenamente ao publico, não se compromettesse annunciando viagens depois do fogo.

—Tem razão.

—Alguns wagons viajaram á noite de pharol apagado, o que é bem mau.

—Sem duvida.

—A irregularidade das partidas deu lugar a um grande conflicto na Calçada, a meia noite.

—E' o que se deve evitar.

—O carro numero 3 teve dous encontros; no segundo com o de numero 9, quando os passageiros passavam para este; a turba capadoçal invadiu o carro, ficando quem pagou de fora. Houve um sarceiro dos diabos, ferveu pancadaria, e descomposturas por mais de uma hora, pretenderam quebrar o carro, e por fim tomaram os burros do poder do boleceiro, atrelaram-nos ao vehiculo e o conductor foi coagido a seguir para a cidade.

—Ora diga-me, isto tem termo? E' mesmo para que certa gente serve, para amotinadores e servir de pé de escada.

—Falta de acção, falta de providencias.

N'um barulho tamanho etão longo, não appareceu, uma athoridade, nem um agente da empresa que podesse por si remover os obstáculos.

—Porem o que se chama verdadeiramente povo não pratica esses actos que depõe da civilisação de uma terra inteira.

—Reprovei muito uma cousa.

—Diga lá.

—Na Mangeira ia pela beira do trilho uma velha, ao tempo que vinha um carro, o guarda em vez de puxal-a, empurrou-a com um pau de sorte que cahiu dentro da linha. Si não a arrastassem tão depressa era mais uma desgraça a lamentar.

—A gerencia não se deve agastar com certas reflexões que lhe são feitas, inspiradas pelo desejo de ver consolidada a prosperidade da empresa, visto que ellas não são dictadas por má vontade e só tem por alvo o engrandecimento desta terra.

—Creio que até devem estimar.

—A companhia Bahiana trabalhou tambem.

—Mas de que sorte, meu rico Sr!

Na ponte, um empregado não deixava passar mais de quatro pessoas juntas, com medo que a velha arapuca fosse ao fundo.

—E' até onde se pode cassuar com o respeitavel.

A festa que tal?

—Este anno não foi das mais esplendidas; a orchestra muito limitada, alem de que o fogueteiro e o gaz pozeram o thesoureiro em *barbicaxo*: dinheiro na mão e aquella cousa no chão. O gaz exigiu não só a importancia deste anno como sete centos mil reis do passado, e o fogueteiro disse que:

Fiado não dava; isso não;

E si quizesse ter fogo

Lhe dêsse o cobre na mão.

—Pois nem pela esticada economia que fez o thesoureiro este anno, houve dinheiro? O homem até substituiu o azeite doce das alampadas, dizendo que o azeite doce estava muito caro.

—E' que para uns o monte brota, para outros o valle secça-se.

—A prova de que não havia *chelpa* e que no dia da festa estava elle mesmo com umas tirinhas de fita fazendo dinheiro.

E o mais fica para depois.

—No domingo, ás 11 horas da noite, estava uma pobre preta vendendo roletes no largo do Theatro; quatro capadocios deram-lhe bofetadas e jogaram-na por terra, meio por elles empregado para roubarem os rolêtes da pobre coitada!

A preta gritou aqui-d'el-rei o ninguem appareceu em seu soccorro!

—So nesta terra se vê disto!

—Na segunda feira, estando um moço assentado em um dos wagons da Companhia de Vehiculos, que partira do Bomfim para a cidade, ás 10 horas da noite, um empregado da Companhia entendeu que devia fazel-o levantar-se; mas como elle dissesse que tinha dado seu dinheiro para ir assentado, o empregado quiz dar-lhe uma bofetada, que foi repellida energicamente!

—Que desaforo!

—Depois quando se dão os conflictos elles queixam-se, sendo os proprios a provocarem.

—Ainda scenas do domingo!

—O que houve mais?

—Estavam dous homens assentados na baixa do Bomfim junto de uma porta, quando veio um carro, e o estúpido boleiro dirigiu os cavallos mesmo sobre os homens, os quaes, apenas poderam safar-se e deixaram as cadeiras que ficaram em pedaços debaixo das rodas!

—Estes boleiros são uns malvados, e depois, provavelmente, no dia do Senhor do Bomfim, a cachaca trabalhou muito!

—E a policia descansou!

—Aqui no Bomfim as cousas andam de *vice-versa*.

O Sr. capitão Braga, prende uma mulher no wagon porque reclama seu direito; o tenente do destacamento solta um turbulento, preso á ordem do chefe de policia, por perturbar o socego.

—São controversias da epocha.

—O que iria fazer o chefe de policia na terça feira ao Bomfim?

—Dizem que foi a estação dos Vehiculos syndicar das occurrencias que se deram e estabelecer algumas providencias.

Entre outras o preço fixo das viagens e a lotação dos carros.

—Deus o ajude a sahir-se bem.

À PEDIDO

—Nos wagons das 8 horas da manhan, da cidade para o Bomfim, no domingo, quando os passageiros iam para entrar, o Sr. João Ignacio não consentia, dizendo que tinham preferencia as senhoras.

—Eu acho rasoavel dar a primasia as senhoras.

—Não pense que eu o venho censurar por assim proceder; venho censural-o no ponto delle reter os passageiros que estavam ali, ha muito tempo, á titulo de dar primasia as se-

nhoras, o, no entanto, quando era algum seu afeiçoado ou amigo, as senhoras deixavam de ter logar para entrar o amigo do Sr. João Ignacio.

—Isso é que eu não posso ver impassivel! Ahi está porque estando um crioulo e sua mulher dentro de um wagon, e um dos gerentes querendo dar logar á umas senhoras, de familia sua conhecida, entendeu deitar para fora o crioulo e sua mulher, dizendo-lhe: — *saia para dar logar a essas senhoras!*

Como o crioulo dissesse que ja tinha dado os bilhetes, elle mandou os restituir. O crioulo indignado, com razão, d'aquelle proceder, rasgou os bilhetes e atirou-os sobre o gerente, porque entendeu que queriam fazer pouco caso d'elle por ser preto.

—Procedem assim desta maneira para depois exporem-se á uma desfeita desta ordem!

—Si elles assim o querem, assim o tenham!

ANNUNCIOS

A pessoa que achou um leque de sandalo do Noviciado aos Coqueiros e quizer entregar, dirija-se a esta typographia que será gratificado com 5\$ rs.

Vende-se um pequeno sobrado de muito bons commodos, quintal e excellente vista de mar, sito ao becco denominado Gaspar, rua de Santa Thereza; a tratar na casa que faz quina para o mesmo becco, n. 118.

THEATRO

do becco dos homens que fazem barbas.

GRATIS E POMPOSO ESPECTACULO EM BENEFICIO DAS ACTRIZES

Adelaide e Amelia.

Tomam parte no spectaculo, em attenção as beneficiadas, os artistas Pedro Chico e Santa Ritta, insignes na mimica do namoro.

Os intervallos serão preenchidos com modinhas cantadas á violão pelo inimitavel Flor dos amores, que exhibirá pela primeira vez a sua ultima composição, intitulada — *As tabo-cas de Josepha*.

Depois do spectaculo será servida uma abundante ceia que tambem em obsequio as beneficiadas offerecem as madres Umbelina e Deolinda, sendo copeiro o moleque Luiz.

O emprezario padre Antonio Joaquim responsabilisa-se pelo bom adorno da casa.

Bahia e freguezia de S. Pedro, todos os dias sem horas certas dos annos de 1869 e 1870 da egira de Cupido.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.^a

SABBADO 22 DE JANEIRO

N.^{os} 600—601

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
21 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe especial attenção para o que se passa a expor:

Ha dias, apresentou-se na subdelegacia da Conceição da Praia, um individuo com uma escrava, exigindo authorisação para mandal-a castigar; porem como o castigo pretendido fosse demasiadamente excessivo, a authoridade negou tal authorisação. Consta que esse individuo dirigiu-se tambem á repartição da policia, onde fez a mesma exigencia e encontrou igual obstaculo.

Agora, corre que a misera captiva está sendo occultamente trucidada com atrocissimos tormentos, sendo surrada de quatro em quatro dias, affiançando-se que acha-se ja dilacerada e cadaverica.

Fazendo justiça ás intenções de S. S., quando se trata da causa do fraco e oprimido, espera-se que, si na verdade a infeliz é victima dos martyrios de que se diz, seu algoz não fique impune; mesmo para provar a esses pequenos de spirito que o dinheiro não os faz grandes a ponto de calcarem aos pés a lei.

—Ao mesmo, communicando-lhe que o menino que se diz chamar Francisco Xavier Esteves, sobre o qual se communicou a S. S., que dormia nos arcos da cadeia, tendo desaparecido por algum tempo, voltou de novo áquelle aposento e ali continua a permanecer. Obrigado pela fome, ou porque a progressiva ascendencia do vicio sobre elle o leve a esquecer os sentimentos de dignidade humana, esse infeliz é o alvo sobre o qual recahem odiosas e lubricas scenas, que não se pejam de praticar individuos de indole depravada. Em nome da humanidade, pede-se a S. S. para essa creança um destino, que lhe assegure mais honesto futuro.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, participando-lho que mora no Tororó uma mulher de nome *Bella*, amasia de um portuguez chamado José, a qual, quando está nas agoas, folhea um dictionario de termos obscenos, que muito incommoda ás familias que por ali moram. Pede-se a S. S. um correctivo para essa heroina.

—O chefe de policia marcou lotação para os Vehiculos economicos.

—Mas não fixou os preços das passagens.

—Creio que não cabe na sua alçada; cheira a despotismo.

—Na sua opinião.

—Pois a authoridade pode la pôr preço na fazenda alheia?

Ou V. pensa que está no Paraguay?

—Cale-se que V. não sabe o que está dizendo.

Logo que a empresa tem um privilegio que exclue a concorrencia, si o governo não for de encontro a seus excessos, está ella authorisada a impor ao povo o preço que quizer, visto que está só em campo.

Eu não digo que a companhia abuse; mas...

—Pode abusar.

—E por tanto entendo que o chefe de policia devia ter limitado um preço, alem do qual a empresa não podesse exceder-se sem previo consentimento.

—Assim dou as mãos a bollos.

—A consciencia da egreja catholica é bem elastica.

—Não blaspheme.

—Quer ver com que facilidade ella desfaz impossiveis?

Ora escute:

Lê-se na *Vida Fulminense*:

«Não ha muitos dias dirigiu-se um moço ao Revm. vigario capitular, governador do bispado, para tratar do seu casamento com uma prima.

— Não pode ser, (respondeu o reverendo sacerdote). O concilio ecumenico vai agora ven-

tilar essa questão, e em quanto não resolver a respeito, nada posso fazer.

—Mas...

—O senhor devia saber que a igreja oppõe-se a união entre primos. Julgo-mo dispensado de relatar-lhe a serie de razões que tem para isso; são tantas e tão valiosas!

—Porem (insistiu o moço) fazendo eu uma esmolla...

—Ah! isso é differente. *Si der tresentos mil reis*, terá licença para casar.»

—Como não ha de haver febres com semelhantes fôcos de infecção!

—Basta o cano das irmans de charidade para isso.

—O cano não é dellas, é do hospital.

—Mas ellas são as proprietarias do hospital; logo o cano lhes pertence.

—Este cano, no qual se faz despejo d'aguas putridas, materia, sangue pôdre, excrecencia e tudo mais, desagua dentro da casa que fica no recanto do Taboão e passa por um corrego aberto na dita casa e vae brotar na rua pelos orificios da parede e por uma bocca de lobo á superficie da calçada.

—Os moradores tem estomago bem forte, para verem e sentirem tanta immundicie dentro de casa.

—Pareze que estão acostumados com aquelle riacho de podridão, pois nem sequer o mandam cobrir.

—No tempo de calor é um poderoso germen de molestias.

—Ora deixe estar que eu hei de ver si o fiscal geral vae até ali para olhar com seus olhos.

—Que alarma é aquelle, ali na rua Direita de Palacio?

—E' um inspector do quartirão n. 23 do curato da Sé, que prendeu uma rapariga, que, diz elle, está fagida.

A rapariga, depois de estar presa, fugiu das mãos dos soldados e correu; estes correram atraz della e, conseguindo agarral-a, deram-lhe bordoadas, bofetadas, e romperam-lhe a roupa do corpo, deixando-a nua no meio da rua.

—Ora, a rapariga ja está em poder de dous soldados de policia, aos quaes ella não pode resistir, para que a espancam tão desapiadamente?

—Em minha terra, a policia não faz prisões-senão debaixo de espancamento; é por uma ostentação de bravata que procede assim.

A PEDIDO

—Meu senhor, venho lançar-me aos pés de V. S.

—O que pretende?

—Que mande soltar meu filho.

—Seu filho quem é?

—Um que foi encontrado, alta noite, dentro de uma casa.

—Ah, sim.

E' uma airoza creoula, V.!

Onde mora?

—Moro *adeante do muro*.

—Sei onde é; havemos de ver.

Mas seu filho foi preso em flagrante; encontrou-se o roubo em mão delle; nada posso fazer.

—Condoa-se de mim, meu senhor.

—Mas que braços tem V., eim!

Si viesse mais cedo, lhe servia.

—Eu me comprometto a pagar o prejuizo.

—Mulher, V. commove as pedras.

E' tão bem feita!

Traga-me aqui os 42\$ rs., que elle gastou, para entregar á dona, que eu o mando soltar.

Advirto-lhe que deve ser V. *em pessoa* quem me ha de trazer o dinheiro.

—Sim, senhor.

.....
—*Anecleto*, estás lord como um rato. Soltaste um *simeste* caro!

—Vou para o Bomfim. Não dá licença?

—Essa é boa!

—Mas não estavas preso?

—A velha arranjou as cousas *por maneira*.

—Vae, meu irmão, é bem bom quem tem uma mãe como a tua.

Esta função da lavagem

Nunca se ha de acabar;

Este anno foi soberba!

Capitão, vou lhe contar:

Como eu penso para mim

Que este mundo só se acaba

P'ra aquelles, em quem a morte

O seu cutello desaba;

Tendo dous dias de vida,

Para que consumição?

Quem quizer que viva triste...

Ca comnigo, isso não.

Quem não *folga* neste mundo,

O diabo o ha de *folgar*

No outro; creio muito

Neste anexam popular.

Com a sua austeridade

Fique o ministro da igreja,

Que vende as graças do ceu

E vil lucro só almeja.

Embebidos na cobiça,
Mirando seus cabedaes,
Fiquem torpes usurarios,
Sem pensar que são mortaes.

Eu cá para outro rumo
Hoide estender minha vista;
Serei sempre do pagode
Decidido apologista.

Mas pagode sem creoula
Para mim não vale nada:
E' como em noite de escuro
Rua que está apagada.

.....
Me creia, capitão, eu por creoula
Sou como rato quando vê melado;
Como a canna que passa na moenda,
Meu peito fica todo esbagaçado.

Pois si mesmo a galante creatura,
Para trazer um pobre embasbacado,
Expande certos dons proprios só della,
Que põem o coração desnorteado?

« Quando, batendo o vento nas anaguas,
« Espaneja as cambraias escondidas,
« Deixando ver aos olhos cubicosos
« As lisas pernas de ebano luzidas;
« Um santo que a encontre ha de parar,
« E da cabeça fugir-lhe o bento sizo;
« Nervosa commoção as bragas rompe-lhe,
« E fica como Adão no paraíso.

« O bem feito dos braços hallucina
« Quando os move, perluxa, com langor;
« A bocca é lindo lirio abrindo á medo,
« Dos labios se destilla o grato odor.

« O collo é qual velludo; Venus bella
« Trocara pelo seu, de inveja morta;
« Da cintura nos quebros ha luxuria,
« Que o coração rendido não supporta.

« A cabeça envolvida em nubia trunfa,
« Os seios são dous globos a saltar;
« A voz traduz lasciva, que arrebatá;
« —E' cousa de sentir, não de contar.

« Ao ver no chão tocar seu pé mimoso,
« Calçando de setim alva chinella,
« Quizera ser a terra em que ella pisa,
« Transformal-a em colher, comer com ella.

« Mas a bocca me sabe a queijo podre,
« E o modo me faz perder de andar,
« Si passa arrufada e vai dizendo
« —*Eu arrasto a chinella p'ra lhe mangar.*»

.....
Só por ellas todo o anno,
Para que hei de mentir?
Em tendo vida e saude,
A' lavagem hei de ir.

E, si procedendo assim,
Eu sou do peccado preza;

Essa culpa não é minha,
E' da fragil natureza.

Nem creio que haja vivente,
Nessa immensa multidão,
Que se abale p'ra lavagem
Por sincera devoção.

E' mais uma patuscada
Que festa religiosa,
Todos vão por devertir-se,
Não por acção piedosa.

Qual é esse santarrão,
Que deixa de admirar
Primores que a mulatinha
Nesse dia vem mostrar?

Pois ha quem resistir possa,
Vendo a linda creatura
Com o pote na cabeça,
O panno atado á cintura?

Em requebros, em meneios,
Toda faceira e dengosa,
Levantando bem a saia
P'ra ver-se a perna mimosa?

Do Brasil a mulatinha
E' do ceu grato maná;
Sabe mais que uma talhada
De bom doce de araçá.

Eu divirjo do *Diario*,
Que quer tal boda acabada;
Por fora se faça tudo,
Agora por dentro nada.

Até por que a lavagem
Desculpa muita melgueira,
Muita, gente sem pensar,
Toma sua *cabelleira*.

Quanta gente, que não quer
Ter-se em conta de patola,
A pretexto da lavagem,
Engole caraminhola!

Até minha *cosinheira*,
Aproveitando esta vasa,
A's nove horas da noite
E' que voltou para casa.

Não quero roubar-lhe o tempo
Em divagação banal;
Entrarei ja no detalhe
Desta festa sem equal.

As seis horas da manhan
Eu me puz logo a caminho,
De um vehiculo economico
Mettido em um cantinho.

Alguns falastrões diziam
Que a fallada economia
Constava apenas no nome,
Que o mais era phantasia.

Nos Coqueiros, o caxeiro,
Me bradou— «Saia p'ra foral
« Embora o Sr. pagasse,
« Dê logar 'a uma senhoral»

Dá-se maior sem razão?
Mas que havia eu de fazer?
São destes casos que o homem
Ha de comer ou verter.

Apezar da imposição
Ser bem dura de roer,
E eu ter pago, assentei
Que prudente era descer.

Ha males que vem p'ra bem;
Tem razão quem assim diz,
Pois, sabindo do wagon,
Fiz viagem mais feliz.

E' um quadro variado,
Muito bom de apreciar:
Ha typos de toda especie
Na Calçada a caminhar.

A par de uma negra 'gêge
Vê-se o gordo taverneiro,
Sem saber pisar no chão,
Praguejando o sapateiro.

Vê-se o padre vagaroso,
Distrahido caminhando;
E' mentira; p'ra mulata
A' furto elle vae olhando.

Da Ribeira, uma *deidade*
Segue o breado marujo;
Com sua vassoura ao hombro
S'encontra o *Antonio sujo*.

Uma turma de creoulas,
Trazendo todas na mão
Vassouras bem enfeitadas,
Distinctivo da funcção.

Os rapazes vão de lado,
Cada um acompanhando
Seu osso, um *palavreado*
De vez em quando soltando.

O *piguá* vae nos balaios:
E' moqueca de chareu,
E carurú de quiabos,
Que a rapazeada deu.

Jovita, com seus pasteis,
Correndo p'ra o botequim,
O rapaz dá para tudo;
Eu nunca vi cousa assim!

A negra de angü de inhame,
Co' a panella atravancada
Mercando *carurulé*,
Tambem vae apressurada.

Um grupo mais sem escrupulo
Desta bella caravana

Nos Mares está chupando
Mingau da preta *tia-Anna*.

P'ra onde quer que se olhe,
E' um quadro de encantar;
Umás juntas, outras dispersas,
Outras chulas a entoar.

Eu que filho do peccado
Sou, desde quando nasci,
N'um ranxo de raparigas
Para logo me envolvi.

Alli havia cousinhas
De render o coração;
Caminhavam com requebro
Cantando — «*aqui dentro não*

Nô nô, Luiza Zoião,
Ora vejam que delicia!
Maria Paula, Josepha,
A Romualda e Felicia.

Da aprazivel jornada
Ao termo estamos emfim,
Agora vamos subir
A ladeira do Bom-fim.

E depois entrar no adro
Render a Deus homenagem;
Estão só a minha espera
P'ra começar a lavagem.

Mas antes de começar,
Hei de ir á *Rosa-aberta*,
O botequim da Anastacia
Tomar uma pinga certa.

Não se pode tolerar a damnação daquelle
moleque!

— A senhora é quem lhe dá tanta ousadia.

— E' um insolente; não atravessa um me-
nino' menor do que elle pela rua, que não é
de cima, que não espanque.

Hontem quebrou a cabeça de um.

— A Eudoxia tinha um equal, vendeu para
evitar alguma cumplicação com a policia.

— Mas esta que basofia ter a protecção de
um potentado chegado de *Braga*, pouco se lhe
dá com a policia.

— Ella que se fic nisso, que o dia que elle
cahir nas garras do policiador da cidade ha
de ir, que elle queira ou não, para a Cor-
recção.

— Frade, que immoralidade é essa?

Frade, não seja tão libertino.

Frade, V. desacredita o convento.

Pelas chagas de S. Francisco, não seja tão
impudente.

Pois V. não se peja de estar na portaria
com tamanho descaro?

As familias queixam-se de sua desenvol-
tura.

V. transpõe o espaço que inedia do convento á casa de sua apaixonada, por meio de acenos indecentes, de uma mimica crapulosa e revoltante, correspondendo se assim com ella cynicamente.

Ou pelo buraco da parede, ou pela portaria, é escandaloso o que V. faz.

Converte o burel em aljava de Cupido.

Não se farta com palavras; accompanha-as com gestos que exprimem desenfreada obscenidade.

Está porque lhe chamam Fr. *linha* nos ares no convento.

Para cumulo de escandalo, sua apaixonada apregoa que por lhe querer bem, da primeira syllaba de seu nome compoz o della accrescentando um—s!

Ora isso não presta, carissimo irmão seraphico.

Pergunta-se á administração da empreza do aceio da cidade, que razão ha para mandar lavar somente as boccas de lobo da rua do Bispo?

Será porque ellas estão perto da secretaria da policia?

(Continuação do n.º 598.)

—*Lucido*, como acabei de lhe referir, era homem inteiramente excentrico.

Um *pinto* que tinha, appellidava de *marquez*, ficando por saber-se si se referia a cognome de homem, ou si queria equiparar o seu bipede á altura de fidalguia, como prova de apreço.

—Isso faz parte da historia?

—Não, são pormenores a respeito do individuo.

—Então, dispenso; por que estou ancioso por ouvil a.

—*Lucido* era devorado por insaciavel sêde de amontoar dinheiro, e audacia não lhe faltava; porem era desses entes, cujas concepções, por mas atrevidas e bem combinadas, são presididas por aziaga estrella: e falhavam sempre. Seus planos eram pacientemente estudados, postos em acção com admiravel habilidade, corriam maravilhosamente seu curso, porem, no termo, esbarravam em algum obstaculo imprevisto e elle não conseguia colher o fructo de sua audaciosa empreza.

Por isso, andava sempre em criticas atrapaalhções; apresentava-se agora commerciante, logista, o diabo; para mais logo quebrar.

Um dia, porém, sua estrella mostrou-se menos opaca no firmamento de suas alicantinas.

O fado o quiz proteger.

A barca *Annunciadeira*, carregava para o *Nicory*, cidade do Indostão.

Seu mostre, era um *sabido ferreiro* de nome *Spirito bento*, que por sabido largou o officio, para aventurar-se ás labutações do mar.

Lucido, que andava as cascas e comprometido, viu germinar-lhe no cerebro uma ideia; ideia tenebrosa, mas que lhe daria incalculaveis lucros si não gourasse.

Preparou um carregamento, mettu-o no seguro e embarcou na *Annunciadeira* com destino ao *Nicory*.

(Continua.)

Quem quer mamar.

Quem diz que não tem politica
E vae á egreja votar
P'ra servir a algum amigo;
E' mitrado, quer mamar.

Quem, de um dia para outro,
Sente a *ideia* variar,
Porque sempre melhor pensa,
E' mitrado, quer mamar.

Quem corteja ao rei e ao povo,
E ambos quer abraçar,
D'ambos dizendo-se amigo;
E' mitrado, quer mamar.

Quem de oito em oito dias,
Não deixa de commungar,
Nem perde missa aos domingos
E' mitrado, quer mamar.

Quem diz que tudo ignora,
E tudo vive a espiar,
Com ares de leva e traz;
E' mitrado, quer mamar.

Quem recusa grandes cargos,
Porque os não pode occupar,
Mas nelles mette um amigo;
E' mitrado, quer mamar.

Sujeito, que entra na egreja,
E depois de muito orar,
Oscula o cordão do frade;
E' mitrado, quer mamar.

Quem diz que a mendicidade
Vae agora melhorar;
Quem tira o chapéu a todos,
E' mitrado, quer mamar.

Até eu, caros leitores,
Que apenas sei rabiscar,
Supponho que sou mitrado;
Pelo que, quero mamar.

—Capitão.

—Vem me massar?

—Não; quero que V. Ex. aprecie estes fragmentos de uma carta e depois lhe explicarei o resto.

.....
 Ha dias que *elle*, sua comadre, e o infallivel adjunto, que por perder a esperanza de gozar das graças da *amavel* comadre, resignou-se ao papel de medianeiro, reuniram-se em conselho, para reflectirem quem seria a pessoa que punha em relevo seus feitos desordenados.

Finalmente, cahiu o raio sobre uma pobre mulata velha, escrava da nossa comadre, a qual não foi surrada com receio de que poderia esta dizer a verdade, e então assentaram de a retirar para bem longe, onde ella não possa testemunhar as vergonhas feitas pelos nossos compadres e commadres.

Infeliz creatura que padece innocente; porrem talvez seja mais feliz no seu novo captivo; pobre parda velha! A cada passo descomposta de nomes injuriosos, e a cada momento, como si fosse burra empacadeira, castigada de vergalho, acompanhando esta folia o predilecto compadre, homem sem pejo e ja bem conhecido pelos seus passeios na rua.....

Procuraram um celebre corrector de escravos e entregaram-lhe a misera innocente, com grandes recommendações para ser vendida para fora da terra e ainda mais com a recommendação de que em quanto não achar comprador não volte para casa.

O nosso compadre do commercio é um homem de trus! e por isso tem de deixar a nossa comadre com agoa no bico.

Ella é sempre a mesma mulher; sua porca lingoa profere as palavras mais indecorosas em vozes que só os surdos não ouvem.

De vergalho em punho é o verdugo dos escravos, fazendo coro o *amavel* compadre do commercio, frequentador assiduo da comadre seri-gaita.

E' muito feio o compadre do commercio fazer do caxeiro correio de Cupido, levando todo dia recados amorosos á comadre.

Este pobre moço ja vive desgostoso por se ter empregado como caxeiro e hoje ver-se feito mensageiro, cousa sabida por todos que apreciam os amores destes dous entes que não tem receio da sociedade que os vê, aprecia e julga.

.....
 —Em quanto V. não me desfiar esta meado, eu fico em jejum sem saber o que ella significa.

—Isto é breve, capitão.

(Continua.)

O sujeito diz á *cuja*
 Que a tomará por consorte;

Não embarga ser casado:
 Pois a mulher'stá a morte.

A *cuja* pergunta a todos
 Si a mulher stá bem mal;
 Julga que morta, elle cumpre
 A promessa nupcial.

.....
 Deseja-se saber do Illm. Sr. inspector d'al-fandega, que motivos imperiosos actuaram em seu espirito para mandar dous conferentes a Caravellas assistir ao carregamento de azeite de peixe de uma galera ingleza, quando a praxe é ir somente um.

.....
 Certa tarde eu passeiando,
 Um *petit-maitre* encontrei,
 E, não sendo por meu gosto,
 O meu braço a elle dei.

Usava chapéu de pluma,
 E nas calças dous listrões;
 A meu ver, para lazaio,
 Só lhe faltavam galões.

Certa menina da moda
 N'uma janella nós vimos;
 E a ella algumas phrases,
 Ambos nós lhe dirigimos.

Para mim fez cara feia,
 Para o outro se surriu;
 Porque no rigor da moda
 A menina não me viu.

Si é este o seculo das luzes,
 Outro nome a elle dou;
 Hoje so se ama roup as,
 Como a menina mostrou.

Não digo que sou bonito,
 Mas o outro nunca o foi;
 Menina, bem enfeitado,
 Creio, amarias um boi.

.....
 —Labrego, qual é teu meio de vida?

—O meu officio.

—Qual é elle?

—O mesmo que usam os sentenciados nas grades da cadeia.

—Ah, fazes *pentes*?

—Pentes, justamente.

—Sem duvida aprendestes nos ergastulos do Limoeiro, de onde te escapastes para vir augmentar o infinito numero de tratantes e ladrões de Latronopolis.

—Eu vim a esta terra por passeio; circumstancias imprevistas me obrigaram a nella permanecer.

—Com essa respostava contava eu.

Entretanto vejamos, meu illustre viajante

de porão, o inventario com que aqui saltaste.

Uma caixa de pinho,

Duas calças de ganga azul.

Uma jaquetilha de ditto, com quarenta botões,

Duas camisas de serigueira,

Uma carapuça de lan,

Dous pares de meias de linho, muito grossas,

Um par de sapatos grossos (de carroceiro),

Um flandres com assucar mascavado,

Uma colher de chifre,

Um chapéu de Braga,

Uma tigella de barro crú,

Duas libras de broa de milho,

Dous bentinhos,

Duas contas de rezar,

Uma libra de nozes,

Um par de alforjas.

Torna-se ocioso esquadrinhar os primeiros passos de tua vida incerta nesta terra das patacas. Basta que te alcancemos no ponto de partida de tua improvisada riqueza.

Um dia, então simples gallego, estavas assentado em tua pequena caixa de pinho, a mala indispensavel dos judeus errantes da fortuna; a fronte gordurosa e reluzente sumia-se-te por entre as mãos calosas, assim como os pés *acholesados* desapareciam nas profundezas de dous tamancos monstruosos.

Pensavas em descobrir um meio de adquirir ouro facilmente; pensavas nesse idolo amarello, pelo qual renegaste patria e familia.

Alguma cousa passou-te rapida pelos pés, que dormiam em lodo, em quanto a cabeça pensava em ouro que tambem é outro lodo.

Estremeceste e te levantastes: um rato enorme arrastava uma chouriça.

«Por fim descobri! exclamaste, apoiando-te nos tamancos, descobri!

«O rato precisa de chouriça para viver. O homem precisa de ouro para gozar. Mas a chouriça não procura o rato; logo, o rato deve procurar a chouriça. Ora, si o ouro não procura o homem, o homem deve procurar o ouro: logo, assim como o rato achou a chouriça, o homem achará o ouro.»

Foi esse portentoso raciocinio a primeira explosão de teu espirito aventureiro.

A datar dahi, foi que teu genio incansavel não trepidou em pôr em pratica qualquer meio para fazer dinheiro.

.....

Corramos um veu e vamos encontrar-te nessa loja que hoje possues.

Em quanto affectavas um negocio decente, outro occulto te dava maiores lucros.

O escravo que roubava um garfo, uma co-

lher de prata, ou outro objecto a seu senhor; o gatuno que surripiava cousas de valor; alguns necessitados que queriam empenhar relógios, correntes, brincos, pulseiras de ouro; vinham a ti, que compravas esses objectos por infimo preço, ou davas quantias insignificantes pelos penhores para lhe pagarem o dobro ou o triplo, e como no praso estipulado os donos não podiam resgatal-os, ficavas com elles.

Deste modo, foste ajuntando dinheiro e neste commercio de usura é que ajuntaste dinheiro e prosperastes.

Muxingueiro, estou fatigado; leva este lapuz a uma praça publica, amarra-o a um *tamarindeiro*, para que fique exposto ás vistas publicas, até que eu t'o mande buscar.

— Capitão, não me martirise.

— Serás castigado até *suaes* gottas de sangue, bruto.

(Continua).

Sr. redactor.— Quasi sempre, quando os factos não são narrados com imparcial exactidão, deixam recahir o lado odioso sobre aquelles que menos o merecem.

Dizendo V. que o Sr. Guimarães metterá o chicote em um homem livre, esqueceu-se de narrar os episodios que antecederam a esse desagradavel conflicto.

O Sr. Guimarães acompanhava sua senhora e uma filinha, e parando para fallar com alguém, adiantaram se estas.

Tres individuos, desses de que ha tantos em nossa terra, dirigiram á respeitavel senhora palavras grosseiras e insultuosas, chegaram mesmo a ultrajal-a, a ponto de dous inglezes, que passavam, indignaram-se contra tão desavergonhada ousadia. Ouvindo o Sr. Guimarães dos inglezes que uma senhora estava sendo ultrajada por tres reus de policia, correu e foi encontral-os ainda na torpe acção.

Ponha-se qualquer cidadão honesto no logar do Sr. Guimarães e julgue.

Foi como se deu o facto.

Basta notar que um homem, que sahe com sua familia, não vai com intenção de brigar.

Não havia patrulha, e sim um guarda policial no logar.

Queira V. publicar estas linhas, como rectificação.

Uma testemunha.

N'uma rua, que tem *dom*, existe uma certa nymphá, collocada em uma *veiga*, que deita para um *santo armario*, a qual, por ter amor a sua prima, renunciou a se casar para não separar-se della.

Mas a rua não tem *José*.

Movimento do porto.

ENTRADA.

Canal do Cabral—em diversas noites, patacho Antonio Pequeno; mestre Bastos, carga chapellaria, um jumento petiço, namoros encadernados, promessas de casamentos, entrevistas, etc.

VARIÉDADES.**Curiosidades grammaticas.**

Parte official do inspector do quartelirão dos Viados do districto da villa do Porto da Folha.

Illm. Sr.

Hontem, vinte seis do corrente mez as quatro horas da tarde, achou-se, em tal lugar entre folha miuda iomundo novo, o Faliçido Premetivo Com uma facada, Pello o individio Liberatto, Francisco da Costa, Côr morena, que He Natural deste Termo Morador No citio da Copira, Com a Profiszão de q' p, ou que nada q' declarar perpetrar tal Crime de Corrido e forão testemunhas José Izidorio de Souza, Antonio Silvestre da Silva, Manoel Izidorio Ramos, Joaquim Antonio Dias, Francisco de Achis Ferreira Liandro Joze Filipe tantos Quantos anatureza do Crime exigir e hoverem.

Deus Guarde a V. S. muitos annos. 26 de Julho de 69.

O Illm. Snr. Sobdelegad do trapu João Luis dos Santos.

Martins Joze Rodrigues.

O Inspector do Quartelirão Viados.

Carta official.

Illm. Sr. Delegado Binidicto Suares Frêitas Mellos.

Lagôa Grande 31 de Julho de 1869.

Estimarei que esta vá achar V. S. e a toda Exma. familia na posse de hua perfeita—Saude.

O partador desta he o Sr. Manoel Joaquim di Santa Anna o qual vae a casa de VS a queixar-se a respeito de hua disgraca que susedô em hum genro o qual velho he muito verdadêiro e Capaz: o que elle disser tudo prova. pois tendo outros em putado que o genro d'elle tinha pegado hum Cavallo de tal liberato o qual na auzenzia tratava mal do ditto. e no dia 26 deste corrente se encontrão succedo que o snr. Liberato dera húa facada no finado Primitivo em cima do péito derêito que no mesmo dia deo Alma a Deus e por isso espero que VS obrede Justícia como VS Custuma pois o ditto merece Justícia

que o proçidimento delle Já do tras não tem sido bom que Já tem athe quirido esforcar mulheres casadas, e ditirmine como intender Com istima Sou

DE VS Am.º

Att.º V.º obr.º

Pedro Francisco Jatobá.

Epigramma.

AO REVERENDO NARIZ DE CERTO REVERENDISSIMO,

Inda mais terror causara

— Do monstro enorme—á carêta

Si a natureza pozesse

O seu nariz no —cumeta.

Enigma.

E' mais ligeiro que o gato,

E' nascido no Brasil,

E' bicho de mais ardil,

Que habita o centro do matto,

De pau a pau vai a salto,

Em seus ramos se pendura,

Nelles quebra a fructa dura

Sem receio de cahir,

Si das mãos escapulir,

De prompto a cauda o segura.

ANNUNCIOS.

José Pereira de Fonseca, pede ao Sr. João de Souza Salgueiro, que se dirija ao Caes do Moreira a deslindar um negocio com o annunciante.

Manuel Friandes, mestre de obras de pedreiro, declara a seus freguezes e amigos que está morando no becco das Hostias, 190, onde pode ser procurado para qualquer trabalho de sua profissão.

Abre-se hoje o **Café do Club**, confronto ao theatro, seu proprietario não poupou esforços para apresentar ao comité da rapazeada bahiana, de quem espera codjuvação e bom acolhimento.

COLLEGIO ONZE DE JUNHO.

Este Collegio, fundado a 11 de junho de 1868, á rua das Lorangeiras, sob a direccão de Fortunato A. de Freitas, professor da lingua franceza e de escripturação mercantil. licenciado pelo conselho superior de instrução publica,—abriu no dia 7 do corrente as aulas de primeiras letras, latim, francez e escripturação mercantil.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.^a

SABBADO 26 DE JANEIRO

N. 602.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.
ASSIGNATURAS: — 1\$ rs por serie de 10 numeros;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, pedindo-lhe, já que o fiscal da freguezia não vê, providencia para que cesse o indecente spectaculo de irem africanos banhar-se nus na fontinha á ladeira do Pilar, sem nenhum respeito ás familias cujas moradas dão para aquelle logar. O que espera-se.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé; pedindo-lhe que seja admoestada uma mulher apellidada *Maxambomba*, moradora na rua das Campellas afim de que modifique o habito que tem de castigar rigorosamente uma filha, pelo que é o publico encommodado tanto com o choro da menina como com a demasia das pancadas. Espera-se.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo de policia, fazendo-lhe ver que os soldados tambem fazem parte da classe necessitada; entretanto, consta que as praças destacadas no Inhambupe são obrigadas a rebater o soldo recebendo 8\$ rs. por 10\$ rs., o que é uma usura diabolica, tornando-se mais odiosa, por ser arrancada contra a vontade. Espera-se que S. S. syndique isso e providencie.

—Misera sorte do captivo!

Esbulhado dos direitos, que aos demais individuos confere a sociedade, onde é apenas uma excrescencia, o escravo, em casa de seu senhor, deixa de ser pessoa para ser cousa; perde os foros de homem para converter-se em besta de carga.

—Em troca de todos os direitos que a sociedade não lhe concede, apenas lhe dão, não o direito, mas a licença de queixar-se em certos e determinados casos.

—Nem isso.

O desgraçado opprimido, que se abalança a implorar a protecção da lei contra a tyrannia

que soffre, não faz mais do que assanhar a fereza de seus algizes.

—Eu entendo que o direito dos senhores tem um limite, como todas as cousas humanas

—Quer ouvir uma que se deu?

—Quero.

—Uma escrava da viuva Zagury appareceu na policia, queixando-se da deshumanidade com que sua senhora a tratava.

—Ja se fallou nisso ha tempos; dizem que é bem cruel.

—A honestissima viuva, por meio de seu *advogado*, apresentou se na repartição. e queria ainda que a escrava fosse castigada na Correccão.

—Mas, o chefe consentiu?

—Não; antes aconsellhou que minorassem os soffimentos da infeliz.

—Obrou como bom christão e *ete cætera*.

—Os moradores do Tira-chapeu e rua d'Ajuda andam assombrados.

—Porque?

—Alta noite são despertados pelo som de uma corrente que se arrasta. ouvem gemidos abafados, o soluçar entre-cotado de quem soffre; supplicas, o debater de um corpo, o tetrico estalido de lacerante latego.

—Será mal-assombrado?

—Eu sei.

—Sabe o que fazem as irmans de charidade?

—Não.

—Na tina em que lavam os pratos dos doentes, lavam tambem os cuspidores.

—Que porcaria!

—Um doente reclamou e ellas disseram que agoa lava tudo.

—Menos a maldade de certa gente.

—Entretanto, quem julgar pelo aceio do taboado, ha de dizer que são muito limpas.

—Cousas para inglez ver.

Por fora babadaria,

Por dentro molan bo só.

—No dia 21, foi assassinado com um tiro no sitio dos Dendezeiros. adiante das Campiñas, um rapaz de 18 annos, de nome Odilio.

—Que horror!

—O que é?

—Um escravo do Both, ferreiro, estuprou na ladeira da Gamelleira, becco das Escadinhas, freguezia de S. Pedro, ha dias, uma creolinha menor de 8 annos, filha de sua propria amasia!

Consta-me que isto está em mortorio, apesar de vontade contraria do chefe de policia, porque o subdelegado de S. Pedro é amigo intimo do tal Both.

—Quem tem padrinho não morre pagão!

—Isto é intoleravel!

—E' verdade; todas as noites vem esta preta com seu tigre despejal-o na bocca de lobo, ali do fundo do theatro, rescendendo uma fedentina insuportavel.

—Mas si não ha quem importe-se com essas cousas, que se ha de fazer?

—E isto não deve ser muito hygienico.

—A tal preta é de um sobrado aqui da visinhança.

—De qual?

—D'aquelle, n. 89.

—Foi cassada ao Monte-Socorro a authorisação para dar dinheiro a premio.

—Dizem que levava juros exorbitantes.

—Não duvido; mas ha outros que usurpam mais.

—E nas barbas do governo.

—Dentro das repartições.

—E não são enxotados dahi!

—Até um intimo do presi lente.

—Outros transigem nos quartéis a vinte por cento.

—E não ha classe que seja mais necessitada que a do soldado.

—Ora viva! Não entendo justiça que não é feita com egualdade.

—Segunda feira a noite, houve um grave conflicto entre os invallidos da patria e a policia; ja soube?

—Ouvi fallar.

—A causa foi andarem dous invalidos ebrios provocando questões e ultrajando até senhoras que se achavam nas janellas na rua das Mercez.

Presos, e entregues á patrulha, quatro companheiros armados de facas tomaram-os do poder da policia, na Piedade.

O subdelegado appareceu e com algumas

nessas do povo foi no encalce dos turbulentos. A esse tempo surgiu pelas Mercez um grupo de mais de trinta delles armados de faca e cacetete, os quaes se oppozeram á prisão dos companheiros.

De todos os lados surgiam invallidos como formigal Tendo por fim sido preso um: os demais pretenderam atacar o quartel de policia, o que não realisaram em respeito ao general cujo quartel é defronte, indo com tudo até a Lapa.

O sarceiro começou ás 9 horas e acabou a uma.

—Capitão, tenho um caso bem engraçado.

—Vamos com elle.

—Na limpeza da cidade, havia, ha vinte dias, um carroceiro portuguez de nome José Martins, que varria no Cabeça.

Uma madrugada estava em seu trabalho, quando appareceu-lhe certo empregado publico, notavel por sua dedicacão a uva e dous estrangeiros mais, todos cheios como um ovo.

Foram tirar palha com o carroceiro, o qual, não sendo de graças, poz os estrangeiros em fuga por meio de sua pa e ao empregado publico carregou como uma criança e deitou no carro como si fosse um cesto de lixo.

O homem estava tão toldado que adormeceu n'aquella montureira, como si festivesse em sua cama.

—Fez uma obra de charidade.

—Quando o homem accordou, era dia alto; depois de seis horas; e no macio leito de cisco tinha transitado pelo Cabeça, Sodré etc., etc.

—Assim mesmo foi preciso levar uma dose de limão pela bocca.

—Melhor seria que o carroceiro levasse até o deposito na roça do padre Pereira para vir de la cheio de barro.

—O empregado, por ser bem aparentado, exigiu a demissão do carroceiro, mas este por segurança julgou que era prudente ausentar-se por si mesmo da cocheira.

—Não serviu de nada a policia lotar os bonds da Companhia de Vehiculos.

—Ja V. vem com suas censuras.

—Mas são censuras bem cabidas.

—Vejamos.

—Um bond lotado para trinta e duas pessoas, veio, no domingo depois do fogo, com trinta e sete.

—V. é palmatoria do mundo? Deixe as cousas correr como vão.

—Mas é um escandalo!

Um moço pagou 17 rs., por se achar incommodado, e veio sentado na escadinha do

bond.

A companhia annunciou condução depois do fogo, o fogo tocou-se as 10 horas, e só houve condução as 11 horas e meia.

—Porem que quer V.!! são tres directores e todos tres a mandar, ha de por força acontecer d'isso!

—Tem razão; panella que muitos mechem, ou sahe ensosso ou salgadal

—Ainda não vi mais immoralidade do que no domingo na botada do pau de S. Gonçalo!

—As moças que sahiram na procissão sofreram beliscadas e apalpadellas dos capadocios que se reuniram em rodal

—Nesta terra, meu amigo, tudo é assim de baixo de immoralidade e orgia.

—Neste caso...

—... é deixar as cousas seguirem de baixo mesmo da immoralidade e da devassidão pois aqui nesta terra o ser immoral e devasso é fausto.

A PEDIDO

—Não sei como se pode viver nesta terra; ha tanta cousa que se falla que não é verdadeira.

—Pois V. ainda ignorava isto?

—Pois não tiveram o attrevimento de fallarem de um cunhado, que aproveitou-se desse parentesco para pô-la de pança cheia?

—E até disseram cousas que não se podiam ouvir.

—Passando eu por Itapagipe vi que tudo era falso, e até a Calu incommodou-se a ponto de fallar desabridamente contra aquelle procedimento, o que louvei bastante.

—Mas ella está em contradicção; já ouvi por bocca della fallar, que se vangloriava de estar sahindo certo, que embora as cunhadas fossem casadas tinha de vel-as no estado em que ella se acha.

—Não sei em quem acredite; mas vamos adiante.

—Esta gente, meu capitão, tem faro de cão perdigueiro, e para melhor dizer, é mulher e basta.

—Si já sabe disto para que vem aqui?

—Sr. capitão, da licença?

—Pois não, meu amigo.

—Andava sequioso para fallar-lhe. Quero pedir-lhe um favor.

—Aqui estou, pode dizer.

—Venho pedir-lhe para mandar o muxingueiro ao becco *d'agua com mel*, na loja dos defuntos, para tomar contas a certo negociante estourado; visto como estou disposto a ventilar todas as suas bandalheiras passadas e

presentes, não omittindo mesmo o seu infamino procedimento para com a propria familia, na rua que não é *calçada*, onde é bom conhecido; e ninguem ignora uma famosa ladroeira feita por um contra-parente seu de cumplicidade com elle, a qual foi guardada em sua casa.

—Mas para que quer Vm. saber de tudo isso?

—Para desmascarar a fofice desse biltre.

—Sua alma, sua palma.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Tu conheces o negociante dos defuntos?

—Olé, meu capitão, muito e muito. Ando com muita sêde nesse meliante. Ha alguma encommenda para elle?

—Vae ao becco *d'agua com mel*, senta-te de baixo daquelle pé de *carvalho* e espera pelo tratante; quando elle chegar, tomar-lhe has explicação a respeito de tudo quanto ouviste aqui do Sr.

—E de vez em quando posso ir logo mettendo-o em *partitura* de taca?

—Por ora não; salvo si se obstinar.

—E previna-lhe mais, Sr. muxingueiro, que elle ja acabou de negociar com os santos onde fez proesas de gadanho, as quaes todas serão postas em pratos limpos, e agora só negocia com defuntos, signal de que tambem está morto.

Que ha factos tão estupendos na sua vida devassa e corrupta que o publico ha de estremecer de pejo e horror, quando ouvir a narração delles.

(Continua.)

—Capitão, conhece o fiscal Pestana?

—Conheço.

—Porem isso não é motivo para que eu deixe de lhe dar parte de uma violencia que praticou.

—Até mesmo porque eu desejo ouvir.

—No dia 22, encontrando na barraca da africana Felicidade Garcia Rosa, na praça do mercado, umas melancias de baixo do toldo da barraca, mulctou-a. A africana fez-lhe ver que pagaria a multa, sem objecção, si elle impozesse igual pena ás outras ganhadeiras, que como ella, tinham melancias da mesma forma.

O fiscal trocando seu papel de discreto agente municipal, pelo de loquaz arrieiro, rompeu em uma chuva de insultuosos termos e por fim espancou a ganhadeira!

—Essa está muito crua; eu não creio que por uma simples observação se espanque ninguem.

—Pois foi; porem ainda dado mesmo que a

africana o offendesse em seu caracter fiscal, tinha elle o direito de dar bordoadas?

—Está claro que não; testemunhasse o dêsse queixa.

—Mas elle entendeu que, espancando uma mulher livre, zelava muito bem os interesses da municipalidade.

—Desculpe, homem; ha fiscaes que pela estreita intimidade que tem com os taverneiros, ás vezes andam com as cabeças desgobernadas... é verdade que o Pestana não toma nada.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e da sociedade libertadora Sete de Setembro para o celeberrimo sujeito que trouxe do Inhambupe, para vender nesta cidade, a dous libertos menores, Maria e Justino, os quaes são nascidos de ventre livre, por ter sua mãe, de nome Maria, carta de liberdade passada em notas, com condições, como poderá ver-se no cartorio do tabellião Elesbão José de Avelar.

Espera-se que S. S. condoa se daquelles infelizes, prestes a serem privados de sua liberdade.

Os indignados.

—Capitão, tome esta.....

—Varrol

—..... noticia.

—Siga o carro.

—O Xixi ou Zé-pequeno tem fronteiro a sua casa uma familia com quem se deu e com que está presentemente desbavido, por não ter querido pagar o que deve ao chefe d'ella; e por isso, ainda em cima, para offendel-a, põe-se na janella de maneira indecente e outras cousas semelhantes.

Veze ha que esse devasso veste uma anagua da amasia, que mora com elle mesmo em casa da familia, e assim põe-se á janella, torcendo-se-lhe mais facil mostrar as moças, segundo diz elle, aquillo que ha de melhor no homem!

—Que safado! que immoral!

—Consta-me que o chefe remetteu hontem o *Alabama* ao subdelegado para informar sobre o que diz o mesmo periodico a respeito de um horroroso crime praticado pelo biltresinho.

—Assim mesmo o chefe cuidou nisto muito cedo, dando-lhe somente tempo de fazer desaparecer os vestigios do crime.

—E é tudo assim nesta terra!

—Xinhá capitão, eu vae dá uma notiça a vossuncê.

Nesse rua que se rapa cara, nim casa do

homem que faz quatinheiro dorado, e parece que nesse casa tambem tem crafaiate; xinhá capitão.

—Dizo lá o que queres, rapaz.

—Nesse casa, xinhá capitão, tem dua moçinha que chama nim casa xinhá pequena e xinhá gôdo; esse xinhá gôdo lon tá denreto, proque tem namoração com anani turo; anani pula muro de quintá e vae cumvrecá cum ella, e faz muito desaforamento cum ella.

—Como sabes disto?

—Xinhá capitão, eu sabe disso proque mãe della sevre de cruvitêro; pae della já tá maluco, falla de chafarizo, nan qué bebê aua delle: xinhá gôdo vê esse tudo faz que qué.

—Porem rapaz, tu não sabes que fallando assim pode te custar caro?

—Mae, xinhá capitão, eu nan pode mae vê esse coiza, esse desaforamento, anani moço que chama xinhá Piroca, e anani moço que chama xinhá Xico, cumvreça muito nesse casa, e anani xinhá Piroca pula muro pra cumvrecá cum ella e tá nim quintá cum ella; xinhá capitão, faz muito desaforamento cum ella, eu já nan pode mae vê esse coisa. Si mãe della é cruvitêro, pae della tá maluco. Eu só falla, xinhá capitão, é pra vê si esse gente toma vregoia, proque mãe della é muito atôa, falla muito da vida areia, levanta farso, ella parece que são parenteiro de cigano, proque não oia pra rabo de elle.

—O que queres mais, filho?

—Mae um coisa, xinhá capitão, esse crafaiate que chama xinhá Aritide é muito veiac, pregou calote em um casa que vende fêrinhe, atraz de greja de Sam Pedro véio, e nan qué pagá a home, home já quebrou; e si elle nan qué pagá, xinhá capitão, é proque é munto veiac. Xinhá capitão, eu vae mim bora, si elle continuá eu vem dizê.

Adeu, xinhá capitão.

—Adeus, rapaz, toma sentido.

—Sim sinhô, eu já sabe, mae esse crafaiate nam preça...

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo, convidado os Srs. socios a se reunirem em assemblea-geral, na tarde de quinta-feira pelas 7 da noite, para a posse dos novos funcionarios e discussão do relatorio do anno findo. Bahia 23 de janeiro de 1870.—J. E. de Araujo, 1.º secretario.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª

SABBAO 29 DE JANEIRO

N. 603—604.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., hecco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.
ASSIGNATURAS: — 1\$ rs por serie de 10 numeros;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um rapaziinho de nome Carlos, perfeito peralvilho, sem officio nem beneficio, o qual, ora em uma venda ao Terreiro, ora em uma loja de sapatos, na rua do Collegio, gasta o tempo em perseguir os mendigos, provocar e insultar a quem passa. Com tão bom principio, esse neophyto da ociosidade, sem occupação honesta, pode vir a tornar-se assaz prejudicial á sociedade; razão porque pede-se a S. S. se digne de mandar-lhe dar destino conveniente.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, chamando sua attenção para uma sucia de moleques e capadocios que se reúnem todas as noites na fonte de Santo Antonio a provocar a quem passa com palavras e gestos offensivos á moral publica, a darem com os carregos das pretas, que por alli transitam, no chão, e outras baldheiras. Pede-se a S. S. um correctivo para esses insolentes, perturbadores do socego publico.

—Quanto povo vem subindo a ladeira de S. Francisco!

—Rodeiam uma cadeira.

—Agora é que assumptei; vem dentro uma moça que se estorce e solta gritos agudos e pungentes.

—Será douda?

—Vamos ver.

—E' uma creança; pode ter 16 annos.

—Coitada! na flor da vida e ja soffrendo tanto!

—Desce o Sr. major Marinho, commandante da policia, e pára defronte.

—Ouçamos o que diz lhe aquella mulher de capona, que segura uma das cortinas da cadeira:

«— Está vendo, Sr., é obra do alferes Portella.»

—Mas o que terá o alferes Portella-com tudo isso?

—Será alguma moça que elle seduziu e enganou?

—Qual; o alferes Portella não tem comportamento tão torpe.

—Alli dizem que é uma moça que foi illudida com promessas no Inhambupe, trazida para aqui e abandonada pelo seductor, logo que conheceu que estava gravida!

—Que almas de demonio são a desses perversores da honra virginal!

—Porem si fosse o alferes....

—Não creia.

—Mesmo para não se dizer que os officiaes de policia, em grande parte, quando sahem para fora, empregam se em seduzir jovens, trazel-as para cidade e abandonal as, como se diz de alguns.

—E que são mais bravos na conquista da honra, do que na pericia militar.

—Eu entendo que por credito da moralidade do alferes Portella, e á vista do que publicamente disse aquella mulher, seria bom que este caso ficasse bem elucidado.

—Para ondelevam agora a pobre desditosa?

—Para o hospital.

.....
—Mas aquella casa por ser de Misericordia não recebe mais doudos, e eil-a que volta recambiada.

—O aformoseamento desta cidade, são as boccas de lobo.

Em cada canto uma vertente de sujidade!

—E a camara tapa o nariz e vai andando; os fiscaes com o aroma que lhes vem das tavernas não sentem!

—Na ladeira da Praça esquina da rua das Veronicas, está se formando uma lagoa de exerescencia.

—Ahi é o cano que está brocado.

—Atraz da Sé, quem passa demanhan, aeo-de-lhe nauseas á bocca.

No canto do theatro, si houvesse uma com-

panhia excrementicia tiraria grandes lucros.

Na rua do Collegio os moradores respiram um ambiente impregnado de miasmas, com sequencia das materias que deitam a noite os moradores da redondeza.

—São tão porcos que deixam os penicos.

—No becco do Viva Jesus é um acabar de miserias.

No Maciel de baixo, ladeira da Barroquinha, dita de Santa Thereza, Atraz da Gadeia e outras, são outros tantos focos de immundice que só servem para attestar a incuria que lavra entre nós.

—E o estrangeiro benze-se de ver tanta porcarias, tanto deleixol

—Esta guerra do Paraguay foi um flagello horrivel.

—A guerra é a terra orvalhada de sangue humano; é o pão tirado da bocca do povo; é o imposto augmentado e o trabalho diminuido; são os encargos impostos as gerações futuras; é a desmoralisação sem freio; é a desolação das familias, é o desencadeamento das paixões; disse Gladstone assistindo a inauguração da estatua de sir Robert Peel, em Manchester.

—As viúvas dos que morreram no Paraguay, andam na miseria luctando com a fome.

Muitas filhas desses bravos ali estão prostituídas, porque os abutres da sociedade aproveitaram-se de sua desgraça, para transigir em nome da fome com a honra dellas.

Outras estendem a mão a charidade publica.

Outras padecem mil torturas e privações, porque o pejo lhes enrubece as faces, quando se lembram de pedir uma charidade.

—Pedir esmola é uma humilhação.

Mas porque não recorrem ao governo?

Não prometteu elle tanta cousa?

Não tem obrigação de cumprir?

—Nem que V. não soubesse as cousas desta terra!

De que serve requerer ao governo, si elle é um esquecido que so-lembra-se dos seus?

Uma viúva pobre, recorre ao governo, expõe o seu estado; para isso faz mil sacrificios, as vezes é uma senhora que não sahe á rua; pede a um, pede a outro; empenha o unico objecto de valor que seu marido deixou e depois de tantos embarços, segue seu requerimento para o Rio, para ir dormir na pasta dos ministros.

—Quantos desses requerimentos nem o ministro abrirá.

—Eu conheço viúvas que requereram a

nove, dez mezes, um anno, e até hoje nem resposta!

—E' duro! Parece até escarnecer da infelicidade.

—E ellas, coitadas! vão curtindo pungentes dissabores e afflictivas magoas, sem amparo!

—Capitão, os animaes adquiriram o uso da falla?

—Não seja bobo.

—Pois o Sr. Paranhos tem uma burra que não só é fina chupista, como tem o privilegio de subir em palacio, para fallar ao presidente.

—Não diga asneiras, rapaz, o presidente falla a burros?

—O Sr. Paranhos é quem diz em uns versos que fez para a noite de Rei:

« Minha burra bebe vinho

« Tambem bebe agoardente,

« Tambem sobe em palacio

« E falla ao presidente.

« Ora venha

« Si tem de vir,

« Macaco torrado

« Cheira mendubi.

—Pelo que vejo, essa besta do Sr. Paranhos é um prodigio!

—E elle dá para tudo... até para poeta!

—Vê que selvageria?

—Aqui no meio da rua; atraz dos quarteis.

—Sargentos do 3.º e 4.º batalhões da guarda nacional formam um quadrado, mettem dous tambores no centro a se estrefegarem como dous animaes.

—E não consentem a ninguem que os desaparte.

—Ora isso não é de homens.

—As irmans de charidade estão surdamente realisando uma obra de perversa deshumanidade e iniqua malvadez.

E' a calculada expulsão dos doudos do hospital da Santa Casa.

Para não dar na vista, vão um dia por outro atirando com um desses infelizes, á rua, de sorte que em breve o hospital ficará vazio.

—Dizem que é em despeito ao presidente por causa da questão da casa da Boa-Vista.

Dizem mais que obram authorisadas por instrucções secretas que receberam.

—Mas onde está a energia do Sr. barão de S. Lourenço que não toma uma medida suprema em favor dessa parte da humanidade soffredora? Si ha excesso desculpavel na authoridade, é n'um caso como este. Para que

ha de estar a tolerar essas piquetas de que se fazem instrumento essas mulheres?

Indague S. Ex. o numero de doudos que vagam pelas ruas, sabidos do hospital.

—Infelizes doudos! são os que pagam os arrufos.

—S. Ex., homem decidido, que desafia o botequineiro do passeio para a arena, e quer que a luta si ha de ser amanha, seja hoje, deve oppor uma barreira, a esse acintoso proceder das irmans de charidade que tão faltas de charidade se mostram com os doudos.

—No quartel da policia sempre está se dando cousas.

—E louzas.

—Dizem que o tenente Barboza, quarta feira, praticou um acto bem mau.

—Sempre o tenente Barboza envolvido nestas alhadas!

—Estavam na eschola de recrutas; um soldado errou o passo; o tenente pisou-lhe o pé com os botins com tanta força que espirrou sangue dos cantos das unhas.

—Si fez isso, leve um proceder inqualificavel! Anjo al é que dá patadas.

—Dizem que o tenente Barboza já é habituado a maltratar os soldados com soccos e bofetões.

—Mas é para ir de encontro aos excessos de seu genio irascivel que ha um commandante no corpo.

—Na quinta feira, na occasião em que tocava a recolher, houve um sarceiro na praça de Palacio.

—A origem d'isso?

—Foi ter um moleque de nome Horacio convidado um rapaz para uma acção indecente.

O rapaz a este convite, deu-lhe uma bofetada.

—Bem feito!

—O povo ajuntou-se em roda delles; porem a musica debandonou tudo. porque ao retirar-se passou pelo meio do grupo!

—Felizmente desta vez tivemos a musica para accomodar as cousas.

—Para executar a lei ha contemplações?

—Não.

—E como é que o fiscal geral entra em uma venda encontra pão roubado no peso e não multa porque o taverneiro lhe diz que esse pão é da padaria do subdelegado?

—Em que lugar foi isso?

—Na freguezia de Sant'Anna.

—Tem certeza?

—De sobra. Foi até na rua do Genipapeiro.

—Mas qual é a padaria?

—A do finado Martins Torres, no Jogo do Carneiro.

—E' que o fiscal geral quiz ser condescendente com o Sr. Lino.

—Teve logar ante-hontem o acto da posse dos novos funcionarios do Monte-Pio dos Artifices, que tem de administrar os interesses sociaes da mesma, no presente anno de 1870, ficando assim composto o conselho:

Aristides Ricardo de Sant'Anna, presidente.

Leopoldo Ribeiro de Castro, vice-presidente.

Joaquim Cassiano Hyppolito, 1.º secretario.

João Evangelista d'Aranjo, 2.º secretario.

José Duarte dos Santos Bahia, thesoureiro.

Eustaquio Fernandes Vieira Guimarães, recebedor.

Manuel José da Silva, archivista.

Candido Alvés de Souza, visitador.

Joaquim de Carvalho Lima, idem.

A PEDIDO

—Antigamente os bailes pastoris eram um divertimento innocente; hoje não; são um auxiliar de seducção.

—E' verdade; eu ja fui apologista delles; mas agora ha muita patifaria.

—Sabbado p. p. fui ao que se faz no theatro e vim enjoadissimo...

Vi um passo da mais subida depravação.

—Namoro escandaloso?

—Mais do que isso.

Passeiando para me distrahir, fui surpreender em um corredor deserto, dous meliantes no entremez mais ridiculo.,.

Um sujeito e uma moça aos abraços...

Quando deram comigo nem poderam disfarçar, tão atarantados ficaram.

—Que cachorrada!

—E si fosse aquella torpe acção praticada por um bigorrilha, vá; mas por um capitão!

—Quem é elle?

—V. é policia?

O homem tem consciencia de que eu fui quem vi, e não quero intrigas comigo.

—Por isso nos matto aonde eu moro não ha destas patifarias; quem gosta d'uma moça vae pedir ao pae para casar.

—Capitão?

—Ja me vem encomodar?

—Um empregado publico pode faltar a seu emprego, por negocio proprio?

—Não.

—Pois eu conheço um que pintou um sobrado seu do dous andares e setão.

—Elle mesmo?

—E' verdade.

—De noite, e indo um dia sim, e outro dia não á repartição.

—Este é sumitico como carne de cabra!

—Era uma scena grotesca vel-o de noite nú da cintura para cima, de brocha na mão, trepado n'uma escada, pincelando as paredes e a mulher de candeia allumoiando.

—No aproveitar é que vae o ganho; assim não faltasse a seus deveres.

—Mas n'um homem, que tem trez ou quatro propriedades grandes, é miseria.

—Onde é empregado?

—Eu vou á rua das Campellas e quando voltar lhe direi não só a repartição, como a mesa em que escreve.

—Depressa, que quero *ver isso*.

—Que mulher tãrascal!

—Por ser comadre de frade, julga que pode insultar a todos.

—Eu não sei si elle quando lhe dá o coração a beijar, lhe aconselha tão despropositada norma de proceder.

—Uma furia destas só morando n'uma rua retirada. O becco das Hostias, por exemplo.

—La tambem ha familias que se verão atanasadas.

—Então que correctivo ha de se dar a *confessada* do reverendo *frei*...

—Só pedindo-se ao Santo que *prende o diabo* que a tome a seu cuidado.

—Ah, malicioso, eu bem entendo o que quer V. dizer com isso.

No *Alabama* de 22 do corrente, restreinhou-se ao Sr. inspector d'alfandega mandar dous conferentes á Caravellas assistir o carregamento de azeite de peixe d'uma galera inglesa, quando a praxe é ir somente um.»

Si o referido Sr. inspector, soubesse das caravanas exercidas na praxe dos portos do sul da provincia, para o azeite, de que se trata, mandaria quatro conferentes, e para embarques de madeiras, mandaria o duplo, por causa de duvidas com a matilha dos gajãos, que neste monopolio querem ter o exclusivo.

—Capitão, eu conheço um *capitão* perdido por fructa prohibida.

—O diabo que lhe entenda.

—Um sujeito que gosta de babujar no prato que outro come.

—Peior está essa!

Começa por fructa e muda para prato.

—Capitão, o sujeito não é la gavião que anda a pegar rolinhas; assemelha-se mais a uma astuta rapoza, que gosta de visitar os gallinheiros, quando o dono está ausente,

—Não me quebre a cabeça com tão inconcebível mixordia.

—Capitão, por *Santa Anna*, V. Ex. não parece um homem que viajou pelos *mallos*.

—Pois eu tenho obrigação de comprehender enigmas indecifráveis?

—Ora vejam! E eu que tinha intenção de contar-lhe tambem o caso de certo cujo que vale-se da sua posição para *desterrar* a um seu *inferior* e poder a seu salvo fazer certas estrepolias.

Mas ja vejo que V. Ex. está de mau humor e calo-me.

—Deixe para depois.

—Pois eu vou á ladeira do Santo Seraphico e na volta conversaremos.

Pede-se ao Ilm. Sr. sub-legado da Sé, que ponha cobro, a um atrevido gallego, conhecido por *Garibaldi*, caixeiro da venda *Progresso*, Atraz da Sé.

Terça feira, á noite, de cacete e punhal, queria atrombar uma porta no becco do Arcebispo, com o que poz a visinhança em desasocego. Não é a primeira vez que esse animal selvagem pratica actos taes tendo ja sido, por mais de uma vez, preso por seu procedimento.

—Um barulho na porta d'alfandega.

Um mulher de navalha.

—E' a amasia do Paranhos que veio espectral o para dar-lhe.

—Que safação!

—Pobre *chifre da lenha*; não toma mais vergonha.

—Capitão, fui ao becco de agoa com mel e encontrei o negociante estourado, justamente, onde V. Ex. me disse, na *loja dos defuntos*.

—O que fizeste?

—Syndiquei tudo minuciosamente; exigi estreitas contas ao tratante e o obriguei a fazer uma exposição de sua vida aventureira. Tomei apontamento de tudo e venho dar-lhe parte do resultado.

O patife ficou chispando.

—Ficará para amanha; hojo não ha tempo.

(*Continua.*)

—José Argolinha, para que andas com esse ar de hypocrita, tu que és um refinado ladrão?

—Como prova?

—Foste tu quem comprou o roubo de asucar do trapiche *solidão* e o Travassos como guardou segredo teve 200\$ rs. para comprar um saveiro.

—Este homem preseruta o intimo dos mais!

Como ponde penetrar neste segredo?

—De outras proezas tuas, que nem pensas que si saiba, estou a par.

—Sr. não me queira perder.

—Vamos daqui ao capitão do *Alabama*, o flagello dos ladrões, como tu, alma damnada, e ahí ouvirás um por um todos os teus feitos; depois do que terás castigo igual as culpas.

(Continua.)

—Sr. *José das Fazendas* ha um enigma que quero que me explique.

—Si couber na minha intelligencia de taverneiro, com muito gosto.

—A noite, quando fecha sua venda, não ha nada; demanhan, quando a abre, ha sempre encostado ao balcão oito a dez sacos de asucar; como se entende?

—Que eu sou um homem que sei agenciar a vida.

—Ah! faz seus arranjos de noite!

—Ora, *Agostinho*, isto não é de um homem casado e que se dê a respeito para ser respeitado!

Pois V. passeiando com uma messalina hombro a hombro aqui pelo adro do Bomfim!

—Isto são alcovitices do *Paranhos*; não foi outro sinão elle que foi dizer a V. Ex. que eu estava aqui passeando com a minha querida Ursulina.

—Não foi elle quem m'o disse; mas ainda que o fosse, V. deve ver que é não concordar que um homem casado passe decepções por causa de uma devassa meretriz? Ainda si V. estivesse entre as *silvas* com ella, tinha um passe, porque emfim procurava esconder o escandalo; mas sentado aqui dentro do *wagon* para ser pateado, como o está sendo, é feio... é ridiculo!

—Mas si eu tenho paixão pela rapariga?

—Qual paixão! E ella não tem nenhuma por V.

—Como está V. Ex. enganado. No sabbado á noite, já depois de 9 horas, ella foi a casa de minha familia tirar-me, e adiante de minha mulher descompoz-me a valer!

No dia immediato, creia V. Ex., não obstante os termos offensivos e immoraes que ella lançou sobre mim, tive saudades della e me fui lançar aos seus pés.

Repelliu-me!

Eu entendi fazer as pazes, já que ella não queria por maneiras doces, debaixo de bordada!

Ella gritou *aqui-d'el-rei*; acudiram alguns

visinhos e por fim sempre a cousa terminou por fazermos as pazes.

—E com que cynismo conta V. isso, eim?

—V. Ex. diz que e cynismo, porque não imagina ao que é o homem levado quando chega a ter paixão por uma mulher.

—O que eu não imagino é o que é o homem quando chega ao requinte da desaração.

Ora adeus, temos conversado.

Amigo Chêtas.—Fui testemunha de seu estado de exaltação na quinta feira ultima, e não lhe achei razão.

Toda esta cidade sabe que a freguezia em que mais se furta é a nossa, e só o fuge ignorar a authoridade local, para não se dar ao trabalho de syndicar disso com o necessario criterio; por que si assim acontecesse. V. e seus comparsas, que armam bodegas com duzentos mil reis de capital, não encheriam tanto as bochechas de honradez.

O homem verdadeiramente honrado não se apregoa tal pelas ruas e portas de tavernas; espera que o publico o classifique, e como tal, é justamente apontado.

Quanto aos que se inculcam, em cujo numero entra V., como abaixo explicarei, se alguma vez ouvem proferir o substantivo *tratlante* ou seus equivalentes, emudecem e deixam passar a onda: não tomam a carapuça.

Esteve V. furioso, quasi possesso, por que disseram de modo que V. ouviu, alguma cousa, que lhe desagradou.

Não teve razão, por que talvez não fosse em referencia a V.; mas V. que anda aos porcos, entendeu que lhe roncava um de perto.

Tome juizo, meu lorpa, por que é um machacaz ja bastante volumoso; não insulte a ninguem, por que não pode e nem deve fazel-o, e muito menos a quem o despreza, e tem compaixão de sua ignorancia.

Não arrote valentia, por que mais valente do que V. é a lei, em virtude da qual, si não se corrigir, irá tomar fresco, por algum tempo na casa de cachorro, e lá de grades a dentro se desabafará melhor.

Quando tomar o seu pifão, (o que lhe succede frequentes vezes) aconselho-lhe que va para casa descansar, e... bico.

Fique sabendo que não se insulta impunemente pessoas que se presam e não querem traficar com despreziveis borrachos.

Não apure tanto a sua honradez, que a pode pôr em risco.

Exemplo:

Que nome merece, em face da lei, um dono de tasca, que compra todas as cousas furta-

das, que lhe vão offerecer pessoas, que trabalham em alvarengas e trapiches?

Será licito a qualquer vendelhão comprar a escravos e a pessoas incompetentes assucar, algodão, fumo, em porções de 4, 8 e mais libras, a cada um dos ditos uma e duas vezes por dia, como todos presenciaram, tendo o referido taverneiro consciencia de que taes generos são subtraídos dos volumes, em que estão acondicionados?

Si a authoridade fosse activa e se apresentasse na casa em que taes objectos fossem encontrados, ás arrobas, sem que o possuidor pudesse provar que os comprou a negociantes ou lavradores, para onde iria esse illegal possuidor?

Acho bom, pois, que vão vivendo como poderem todos os traficantes, em quanto não sôa a hora fatal da expiação, na qual gasta-se muitas vezes mais do que se tem podido obter por meios reprovados, como tem acontecido a muitos trapaceiros.

Conselho do collega e amigo

Zé Zef.

(Continuação dos ns. 600--601.)

Quem sentir agros pesares,
Quem soffrer d'hypocondria,
Para afugentar azares,
Vá ao Bomfim neste dia.

Vá, que terá pelo menos
Prazer para todo um mez;
Sentindo só que a lavagem
Seja no anno uma vez.

Para quem tem frouxidão,
E' antidoto efficaz;
Aos velhos de setenta annos
A força e o vigor refaz.

O marido que aturar
Mulher má, impertinente,
Deixe a tarasca esganar-se,
Siga logo incontinente:

Que embora saia de casa,
De zangas encasifado,
Em chegando aos Dendezeiros
Ha de sentir-se mudado.

A lavage' é um quitute
Adubado com doçuras,
Que se petisca com mólho
De volupias e ternuras.

Sinapismo de prazeres,
Lambedor de bem-estar,
Fino manjar de delicias,
Saboroso ao paladar.

Com dó da rapazeada,
O Senhor da Creação,

Para os desgostos da vida
Deixou-a em compensação.

Não são dous dias a vida?
Para que consunção?
Triste se veja o diabo;
Comigo não, coração.

Escutem... são sete horas...
No espaço ja retumba
De mestre Marcos patusco
O formidavel zabumba.

Quer dizer que da igreja,
O adro, escadas, cancellas,
As grades, tudo, por tudo
'Stá levando esfregadellas.

O' vós, rapazes, que tendes
Um sensível coração;
Vinde ver a natureza
Abrir sua exposição.

Agora não ha reservas;
Cessa o dominio das saias
Abaixadas: são dispensadas
Somente as pernas cambaias.

Tambem ha no meio umas
Pernas, que são arqueadas
Como arco de barril...
Não merecem ser notadas.

Ha outras que tem a forma
D'uma taboca rachada;
São pernas de sambambaia,
Não prestam, não valem nada.

A empreza do Queimado
Pregou no povo uma peça!
Sem temer que por castigo,
Outra secca lhe aconteça.

Mas o Senhor do Bom-fim
Não fica de igreja suja:
A turba em procura d'agoa
Por ahí ja sobrepuja.

Reparem bem como vae
Alli *Manuel Paparote*,
Em caminho do Travassos
Munido de enorme pote.

Pois o Chuchu Frederico
Não teve substituto?
Eil-o: é *Joaquim Dandaranda*,
Veio render seu tributo.

Para agoa carregar
Candinha d'Atraz da Sé,
Trouxe uma mula ruça;
E' melhor que andar a pé.

Vejam Maria Joanna,
Largou-se p'r' o chafariz
Com aquelle requebrado
Q'sente-se, mas não se diz;

Um certo magistrado
Está tonto; perde o senso;
Quer affectar gravidade,
Tapando a bocca co' o lenço.

Olhem como vao faceira
A cabrocha Miquellina,
Formando um grupo de tres
Com Joaquina e Andrelina.

O capuchinho se benze
A' vista de scenas taes,
Mas diz la no coração—
E' bem bom; tomára eu mais.

Umbellina n'um pau d'agua
Arrejou sua fateixa:
Entoando bem gamenha:
—Bebida branca me deixa.—

Esta Ursula é capaz
De fazer um coração,
Fundido do rijo bronze
Reduzir-se a um mamão.

Aquelle grupo dalli
E' um grupo papa-fina;
Pupú e Maria Ignez,
Cutúm e Alexandrina.

Está porque um sabor
Eu acho na pagodeira,
De mel d'abelhas, com agua
De flores de lorangeira.

A Benedicta Rebouças,
Na côrte sua viagem
Regula de uma maneira,
Que nunca falta a lavagem.

Ora, este negro *Mirate*,
Mono, com figura humana,
Para mostrar differença,
Fez vassoura de uma cana.

Veja lá, Sr. carrança,
Não m'steja a causar medo
As raparigas; empine-se
Para casa do *Macedo*.

Ignacia, que veio ao mundo
Para desgraça da terra,
Já não pode se lamber
Até o caminho erra.

Lá está Antonio Gago
Com a cara avermelhada,
Com uma grossa e comprida
Vassoura bem enfeitada.

Logo vi que o *Tartaruga*
Vinha fazer sua perna;
Com Ritta, Antonia das Vellas
Está mettido em baderna.

Macaria é muito mitradal...
A um e outro chamando

Para lho pagar cerveja;
Toma o cobro e vae andando.

Aquelle ranchinho é bom:
Maria Resa, Balbina,
Josepha, Felicidade,
Alexandrina e Justina;

Adelaide nas correntes
Traz um *patacão de sola*,
Que diz ser prata de lei,
Mas a minestra não cola.

Não vejo aqui uma firma;
E' o Joaquim tamanqueiro,
Que de vassoura enfeitada
E' sempre useiro e viseiro.

Vamos ver aquelle samba,
Onde está a *Clementina*,
Feliciana e *Bemvinda*,
Clothildes e *Bernardina*;

Brigida e *Severiana*,
Lydia, *Folô* e *Simplicia*,
Afra, *Izabel*, *Damiana*,
Libania, *Clara* e *Felicia*;

Maria Engracia, *Izabel*
Que mora lá no *Cruzeiro*,
Rittinha de *Cachoeira*
E *Clara* do *Gallinheiro*.

(*Continúa.*)

Desappareceu uma *doninha* domesticada.
Quem a descobrir, ainda que seja na estreba-
ria de alguma *mula russa*, communique Atraz
da Sé na casa *primeira* que encontrar.

SONETO.

Em saude e belleza uma caroxa.

Ha tempo em que a mulher para alviteira.

Assiste em cada noite uma funcção,
E o pobre do marido paspalhão,
Com dinheiro pagando a brincadeira.

Na porta quer dançar logo a primeira
Ou seja com pelintra ou figurão,
A todos sem pensar entrega a mão,
Promette a um bigorilha uma terecira.

Começa a toleirona a si esfalfar,
Com aperto a formar castellos roxos,
A cara de combuca a desbotar.

Ahi temos a mulher doente efrouxa,
Só podendo parir, mas não criar,
Em saude e belleza uma caroxa.

VARIÉDADES.

A soítana milagrosa.

O Sr. C..., joven ecclesiastico muito dis-
trahido, recolhia-se da igreja para casa de-

pois das vespéras, quando na rua do Templo chegou-se-lhe uma mendiga acompanhada de duas creanças.

—Minha pobre mulher, vindes em má occasião, disse o joven sacerdote, acabo de dar o meu ultimo soldo a um cego meu conhecido.

—Oh! Sr. padre, é impossível, devem restar-vos alguns soldos: um homem tão caritativo como vós, não sahe á rua sem se lembrar dos pobres. Remechei sempre a algibeira, por quem sois.

Cedendo ás observações da mendiga, o bom do padre, para convencer-a da inutilidade do seu pedtío, mettu a mão na algibeira da sotaina.

A não ser por um milagre da Santissima Virgem... disse elle.

E antes de acabar a phrase, sentiu entre os dedos o contacto metallico de tres moedas de 5 francos.

—Meu Deus! continuou benzendo-se, attendestes á minha supplica... Tomae senhora, accrescentou: estes 15 francos vos pertencem: a Santissima Virgem m'os enviou para vós.

Commovido pelo milagre que acabava de provocar, o Sr. C.. voltou á egreja para dar parte aos seus superiores: cura, vigario, diaconos, subdiaconos, inteirados da boa noticia, logo a espalharam pelo bairro todo, onde fez muita bulha este milagroso acontecimento.

Emfim, no dia em que se devia dar conta deste milagre ao arcebispo de Paris, aquelle em cuja algibeira occorrera, encontrou-se com um ecclesiastico seu amigo, que no domingo antecedente viera dizer missa na egreja a que pertencia o nosso charitativo sacerdote.

—Ora, lhe diz aquelle, si lhe assenta bem a minha sotaina, guarde-a; mas bom seria que me restituísse os 15 francos que nella se achavam.

Estava explicado o milagre.

Um ladrão introduziu-se n'um banco de provincia e ensacou o dinheiro que lá havia em ouro e prata.

Depois attentou n'um monte de cobre que pesaria dez arrobas e disse a meia voz:

—Sejamos consciencioso; deixemos em paz a parte maior e carreguemos com a outra. Sabe Deus se virá por abi depois de mim a quem mais precisado!

Enforcar por dō.

Depois de haver o juiz do tribunal de Texas (Estados Unidos) condemnado á morte um individuo por nome John-John, culpado de as-

sassinato, julgou a proposito dirigir-lhe as seguintes palavras:

«John! O tribunal fazia tenção de retardar a vossa execução até a primavera proxima; faz poren bastante frio, e acha-se a nossa cadeia em deploravel estado. Os vidros das janelas estão todos quebrados, as chaminés deitam o fumo para dentro, e é tão grande o numero dos presos, que não podemos dar senão um cobertor a cada um. Por todas estas razões, e para abreviar quanto possivel os vossos padecimentos, decidimos que serieis enforcado amanha, logo depois do almoço, ou a hora, que mais convier ao *sheriff* e que vos fôr mais agradavel.»

Ignoramos qual foi a hora, que mais agradou ao sentenciado, a quem, por uma refinada delicadeza, se permittiu ir para o outro mundo com o estomago cheio!..

Os Estados-Unidos herdaram da Inglaterra no artigo *extravagancias*. São dignos filhos de tal mãe!

ANNUNCIOS.

ESCRAVA FUGIDA.

Fugiu uma escrava da abaixo assignada, vinda ha pouco de Santo Amaro para ser vendida, de nome Emilia, nação gêge, maior de 30 annos, baixa, nariz chato, pés e mãos pequenos; quem a achar e levar á freguezia de S. Pedro, casa n.º 9, defronte da capella, será generosamente gratificado. Bahia 28 de janeiro de 1870.—D. Anna Matildes da Silva.

BAILES MASCARADOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO

DE

Mascaras e vestimentas.

Lindissimas mascaras de seda, cêra, papelão, massa e arame, tudo do mais apurado gosto; bonitos *dominós*, magnifica e vistosamente enfeitados com laços de fitas, cada qual mais bonito, e produzindo (com especialidade de noite) o mais surprehendente effeito.

Ao Zuavo.

Vende-se

requisissimas palmas e capellas para anjo mortuario, na loja de Libanio José d'Almeida a rua Direita do Collegio n.º 33—A.

O mesmo declara ao publico que nada deve nesta praça e nem fora della, sendo morador e proprietario na rua direita da Cruz do Cosme.